



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/LÍNGUA PORTUGUESA

VALÉRIA CRISTINA DANTAS VIEIRA

A TOPONÍMIA RURAL EM CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO-SERGIPE

DELMIRO GOUVEIA

2023

VALÉRIA CRISTINA DANTAS VIEIRA

A TOPONÍMIA RURAL EM CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO-SERGIPE

Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Letras/Língua Portuguesa do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) como requisito parcial do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Professor Dr. Cezar Alexandre Neri Santos.

DELMIRO GOUVEIA

2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

V657t Vieira, Valéria Cristina Dantas

A toponímia rural em Canindé de São Francisco – Sergipe /
Valéria Cristina Dantas Vieira. - 2023.
82 f. : il.

Orientação: Cezar Alexandre Neri Santos.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal
de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2023.

1. Linguística. 2. Toponímia. 3. Toponímia rural. 4. Onomás-
tica. 5. Canindé de São Francisco – Sergipe. 6. Comunidade rural.
de rural. I. Santos, Cezar Alexandre Neri. I. Título.

CDU: 81'373.2

**FOLHA DE APROVAÇÃO DE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

VALERIA CRISTINA DANTAS VIEIRA

**A TOPONÍMIA RURAL EM CANINDÉ DE SÃO
FRANCISCO-SE**

AVALIAÇÃO: 8,5 (oito pontos e cinco décimos)

DATA DE AVALIAÇÃO: 10/03/2023

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos (UFAL) – Orientador

Prof. Dr. Leônidas de Santana Marques (UFAL) – Examinador Interno



Prof. Esp. Robson Santos Silva (SEDUC/SE) – Examinador Externo

Delmiro Gouveia-AL

Março de 2023

AGRADECIMENTOS

Esta fase da minha vida é muito especial, então é com imenso prazer que venho, através deste escrito, agradecer a todos que estiveram presentes durante toda essa minha trajetória acadêmica cheia de altos e baixos.

Quero, assim, agradecer primeiramente ao meu PAI CELESTIAL por ter me concedido saúde, força, e disposição para fazer toda a faculdade e este trabalho de conclusão do curso. Sem Ele, nada disso seria possível. Também sou grata ao Senhor por ter dado saúde aos meus familiares e tranquilizado o meu espírito nos momentos mais difíceis da minha vida acadêmica.

Agradeço à minha mãe Elizângela Oliveira Dantas, que sempre foi e sempre será minha maior fonte de inspiração e força. Ela que esteve e sempre estará ao meu lado em todos os momentos da minha vida, fez e faz de tudo para tornar os momentos difíceis mais brandos, enchendo meu coração de esperança e amor, proporcionando tranquilidade e me dando o conforto que tanto precisava para vencer esta etapa. Sem a força da minha querida mãe, eu não conseguiria seguir em frente. Por esse motivo, afirmo que essa vitória é minha e dela. Mãe, eu te amo muito e obrigada por tudo!

Agradeço aos meus irmãos Tiago Dantas Vieira e Carlos André Dantas Vieira, por acreditarem no meu potencial. Agradeço ao Márcio Alexsandro Aragão Toledo, que sempre esteve presente durante essa minha trajetória acadêmica me dando todo apoio quando mais precisei, nos sufocos das idas e vindas de casa para a UFAL/da UFAL para casa, entre tantas outras situações. Agradeço a todos os familiares que, de algum modo, acreditaram em mim e me incentivaram.

Agradeço ao meu “namorado” (risos) Lucas da Silva Maciel, que jamais me negou apoio, carinho e incentivo. Obrigada, meu bem, por aguentar tantas crises de estresse e ansiedade, e compreender as minhas ausências em diferentes momentos.

Agradeço aos meus melhores amigos. Primeiramente à Beatriz Camila, por ter me acolhido em sua casa lá no início da faculdade e por todo apoio e incentivo durante esse período. Alisson Inácio (meu amigão que me amparou quando mais precisei dentro da faculdade), Déborah Ferreira (minha duplinha perfeita), Karla Marchesin (Barbie sensata) e Rubya Brandão (minha amiga especial que tenho uma admiração enorme), obrigada pelo apoio, pelos inúmeros conselhos, pelas conversas, pelos momentos, pelas motivações e puxões de orelha, obrigada pelo nosso grupinho (cada um com sua personalidade, mas que se encaixaram bem), obrigada pelas risadas que vocês compartilharam comigo durante essa

etapa tão desafiadora da vida acadêmica. Vocês fizeram toda diferença. Minha eterna gratidão! Eu amo vocês!

Por último, mas não menos importante, que jamais poderia esquecer, agradeço ao meu querido professor e orientador Dr. Cezar Alexandre Neri Santos. Obrigada, professor, por exigir de mim mais do que eu imaginava ser capaz. Obrigada por me fazer crescer ainda mais como acadêmica e como pessoa. Manifesto aqui minha gratidão eterna pela sua paciência e por ter compartilhado sua sabedoria, o seu tempo e sua experiência comigo.

RESUMO

Esta pesquisa tem como principal objetivo descrever e analisar as motivações e causas denominativas de topônimos de comunidades da zona rural do município de Canindé de São Francisco, no Sertão do estado de Sergipe. Considera-se, para isso, assinalar tendências de natureza tanto linguística quanto geossocio-histórica nessas nomenclaturas, ancorado nos fundamentos teórico-metodológicos da Onomástica. Apresenta caráter quali-quantitativo no tratamento dos dados por meio de dados bibliográficos, documentais e orais, esses coletados via pesquisa de campo. O registro dos dados se dá em quadros aos moldes da proposta lexicográfica de Dick (2004). Como resultado, destaca-se que os nomes dessas comunidades rurais tendem a apresentar um equilíbrio entre as naturezas antropocultural e física, com grandes influências do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e da paisagem física local.

Palavras-chave: Onomástica. Toponímia rural. Nomes de comunidades rurais. Canindé de São Francisco.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo principal describir y analizar las motivaciones y causas denominativas de topónimos de comunidades del área rural del municipio de Canindé de São Francisco, en el Sertão del estado de Sergipe. Se considera, para ello, señalar tendencias de naturaleza lingüística y geosocio-histórica en estas nomenclaturas, ancladas en los fundamentos teóricos y metodológicos de la Onomástica. Presenta un carácter cuali-cuantitativo en el tratamiento de los datos a través de datos bibliográficos, documentales y orales recogidos mediante investigación de campo. Los datos se registran en tablas según la propuesta lexicográfica de Dick (2004). Como resultado, los nombres de estas comunidades rurales tienden a presentar un equilibrio entre las naturalezas antropocultural y física, con gran influencia del MST (Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra) y del paisaje físico local.

Palabras-clave: Onomástica. Toponimia rural. Nombres de comunidades rurales. Canindé de São Francisco.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E QUADROS

Figura 1 - Antiga Canindé de São Francisco-SE – Canindé de Baixo	28
Figura 2 - Usina Hidrelétrica de Xingó, localizada no atual bairro Beira Rio (conhecido também por prainha) do município de Canindé, na divisa SE-AL	29
Figura 3 - Museu de Arqueologia de Xingó	30
Figura 4 - Canindé de Cima, atual Canindé de São Francisco-SE	30
Figura 5 - Antiga Canindé de Baixo, atual bairro Beira Rio (conhecido também por prainha e Orla Salomão Porfírio Britto) do município	32
Figura 6 - Novela Velho Chico, autores Domingos Montagner e Camila Pitanga no cenário do rio São Francisco	32
Figura 7 - Registro fotográfico da cidade de Canindé de São Francisco-SE	33
Figura 8 - Trabalhadores rurais sem-terra em marcha com destino à capital sergipana (Aracaju)	35
Quadro 1 - Modelo de Quadro Toponímico	40
Quadro 2 - Roteiro para entrevista semiestruturada sobre topônimos da zona rural de Canindé de São Francisco-SE	43
Quadro 3 - Taxionomias de natureza física	51
Quadro 4 - Taxionomias de natureza antropocultural	64

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1 - Ocorrências das Taxonomias dos topônimos do <i>corpus</i>	49
Gráfico 2 - Percentual de ocorrências de topônimo paralelo no <i>corpus</i>	73
Tabela 1 - Comunidades rurais de Canindé-SE	42
Tabela 2 - Distribuição percentual das taxes toponímicas no <i>corpus</i>	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Adj - Adjetivo

Adv - Advérbio

Anat - Anatomia

ATABO - Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira

ATB - Atlas Toponímico do Brasil

ATEC - Atlas Toponímico do Ceará

ATEMIG - Atlas Toponímico de Minas Gerais

ATEMT - Atlas Toponímico do Mato Grosso

ATEMS - Atlas Toponímico do Mato Grosso do Sul

ATEPA - Atlas Toponímico do Paraná

ATT - Atlas Toponímico do Tocantins

Bot - Botânica

CHESF - Companhia Hidrelétrica do São Francisco

Geogr - Geografia

MAX - Museu de Arqueologia de Xingó

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Sf - Substantivo feminino

Sm - Substantivo masculino

USP - Universidade Federal de São Paulo

Vari/V - Variação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DE TOPONÍMIA	14
2.1 A ESTRUTURA DO UNIVERSO LEXICAL	14
2.2 O SIGNO EM FUNÇÃO TOPONÍMICA.....	18
2.3 SOBRE A ONOMÁSTICA	19
2.3.1 Os nomes de lugares	21
2.3.2 Os estudos toponímicos no Mundo, no Brasil e em Sergipe	24
3 CONTEXTUALIZAÇÃO GEO-HISTÓRICA E SOCIOECONÔMICA DO <i>LOCUS</i> DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	27
3.1 POVOAMENTO E URBANIZAÇÃO DE CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO	27
3.1.1 O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em Canindé de São Francisco-Sergipe	33
3.2 HISTÓRICO TOPONÍMICO DE CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO	36
3.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA TOPONÍMICA	39
3.3.1 Coleta de dados: oficiais e não oficiais	39
3.3.2 Sujeitos de pesquisa e pesquisa <i>in loco</i>	41
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	45
4.1 NATUREZA SEMÂNTICA DOS TOPÔNIMOS.....	46
4.2 NATUREZA EXTRALINGUÍSTICA	72
5 CONCLUSÕES	76
6 REFERÊNCIAS	78
7 ANEXOS	80

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo descrever e analisar as motivações e causas denominativas de topônimos das comunidades da zona rural de Canindé de São Francisco, município localizado no sertão sergipano. O interesse por esta área do conhecimento surgiu quando cursamos a disciplina eletiva Onomástica da Língua Portuguesa, ministrada pelo Prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos no período pandêmico. Por apresentar interesse nas disciplinas História da Língua Portuguesa e Filologia Românica, também ministradas por esse professor e orientador desta pesquisa, delimitamos como espaço geográfico a cidade de Canindé de São Francisco-SE, dado a pesquisadora ser residente do município, tendo como problematização a ausência de registros de estudos dessa natureza na localidade.

A partir de então, após as buscas pelos dados, para entender as motivações de determinadas denominações, buscamos, na Toponímia, o envolvimento dos estudos linguísticos com áreas como a História, Geografia, Antropologia e Sociologia, pois o ato de nomear está relacionado a questões como a presença de um fato histórico que marcou aquela sociedade, um aspecto geográfico que se tornou importante para a sobrevivência do povo, de uma tradição que faz parte da sociedade ou mesmo a visão de quem nomeia a respeito do lugar que vai leva-lo a julgar de forma positiva ou negativa.

Este é um trabalho, portanto, relacionado à microtoponímia sergipana, produzido em um curto período. Esta monografia busca contribuir por meio da catalogação de topônimos das comunidades rurais de Canindé de São Francisco-SE, com esforços no sentido de buscar a vinculação entre estudos toponímicos, memória cultural, história, identidade de um povo e características de sua localidade através da língua pelo repertório lexical daquelas comunidades em estudo.

Dito isso, o presente texto possui 3 seções além desta Introdução, disposto com a seguinte sequência. Inicialmente os *Fundamentos teóricos e metodológicos da Toponímia*, busca apresentar: i) a estrutura do universo lexical como sendo a necessidade das pessoas de nomear as coisas do mundo; ii) o signo toponímico, ou seja, o signo em sua função toponímica, diferente daquele signo apresentado por Saussure, como sendo agora um signo que tem relação com a área por ele designada; iii) a disciplina Onomástica, buscando mostrar qual a nossa filiação nesse campo de estudos, neste caso, a Toponímia, com revisão dos estudos no Mundo, no Brasil e em Sergipe. Na seção seguinte, intitulada *Contextualização geo-histórica e socioeconômica do locus de pesquisa e Procedimentos Metodológicos*,

buscou-se apresentar como se deu o povoamento, urbanização e turismo de Canindé de São Francisco, em seguida os seus dados toponímicos, nesse caso, foi destrinchada a ficha toponímica do nome do município com base em Santos (2019). Além disso, nela estão os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa, como sendo dados bibliográficos, documentais e de campo. Na seção seguinte descrevem-se e analisam-se os dados recolhidos, de maneira a expor qualiquantitativamente como se comportam os topônimos da zona rural de Canindé de São Francisco-SE, acompanhada pelas considerações finais e lista de referências e de anexos.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DE TOPONÍMIA

Os nomes dos lugares permitem revelar características físicas e culturais de uma localidade, assim como o entendimento do modo como as pessoas dali vivem. Considerando essa premissa e a relação entre o léxico toponímico e os aspectos físicos e antropoculturais, descrevemos e analisamos os topônimos tomando como corpus os nomes de comunidades rurais do município de Canindé de São Francisco, no sertão sergipano. Assim, destacamos que no sertão sergipano, esse conjunto de dados toponímicos acaba por refletir a paisagem física da região e cultural.

Para isso, foi necessário nos filiar a ciência toponímica, por meio dos postulados de Dick (1990, 1990a), Carvalhinhos (2008), Carvalhinhos e Antunes (2007), Biderman (1981), Isquierdo (1997), principalmente, e alguns outros autores com grandes referências. Aqui, nesta seção trataremos especificamente a respeito da estrutura do léxico, a sua importância na nomeação de coisas, pessoas e lugares, tendo em vista a relação entre léxico e sociedade, e o próprio ato de nomear, sendo ele espontâneo ou sistemático. Também trazemos o signo toponímico na sua função toponímica de significação e representação, diferenciando-o de quando está somente para signo linguístico, pensando um pouco da ciência Onomástica para entendermos a nossa área de filiação que se encontra dentro desse campo de estudos e os trabalhos importantes existentes no mundo, no Brasil e no estado de Sergipe, que nos guiam na presente pesquisa.

2.1 A ESTRUTURA DO UNIVERSO LEXICAL

Trazemos que o léxico de uma língua tem uma função fundamental no mundo, e afirmamos isso no sentido de que este constitui-se como uma forma de registrar o mundo. Com a necessidade de nomear as coisas existentes nos lugares, como seres, objetos, gerou-se o léxico das línguas naturais. Segundo Biderman (1981), a nomeação pode ser vista como a primeira etapa do ser humano em relação ao universo. Ao fazer a nomeação de seres e objetos, além de conseguir classificá-los, o homem identifica, estrutura, molda o mundo ao seu redor. “Como processo da nomeação, o homem consegue reunir os objetos em grupos, identificar semelhanças e, ao mesmo tempo, discriminar os traços distintivos. Assim, é possível individualizar os seres e objetos em entidades distintas.” (BIDERMAN, 1981, p. 13).

Logo, entende-se que, ao perceber que o léxico é o primeiro passo que o ser humano dá para o percurso científico com o universo, o homem classifica, identifica semelhanças e

discrimina os traços diferentes dos seres e objetos. Dessa forma, estudar o léxico de uma língua nos permite fazer um apanhado de aspectos sociolinguísticos e culturais essenciais à memória das pessoas de uma determinada comunidade. É possível, pois, elevar o léxico ao nível da língua que melhor esclarece/marca a maneira como determinado grupo de pessoas enxerga, apreende e representa a realidade em que está incluído.

Para a atividade de nomeação, é necessário o processo de categorização, ou melhor, o ato de nomear parte de tal processo. No que lhe concerne, a categorização parte da capacidade de discriminar traços distintivos entre os referentes apreendidos pelo que chamamos de aspectos sensitivo e cognitivo do homem. Desse processo, dá-se iniciativa ao ato de nomear. Por isso, temos que a categorização é o processo em que a semântica de uma língua natural tem como base, o qual possibilitou ao homem desenvolver a capacidade de associar palavras a conceitos. É justamente esse processo de nomear que gerou e continua a gerar o léxico das línguas.

Por outro lado, é dito também que esse processo está completamente relacionado à cultura com que se conjuga uma língua natural. É exatamente nesse aspecto e por causa dele que conseguimos perceber as distinções existentes nos vocábulos de uma mesma língua, como muito bem é ilustrado nos contrastes entre o português do Brasil e o português europeu, levando em conta as terminologias técnico-científicas.

Outro ponto importante a ser mencionado é a expansão do universo cognoscível na contemporaneidade, provocada pelas mudanças contínuas das ciências e das técnicas. Estamos aqui falando da explosão do léxico nas modernas culturas e civilizações, que geraram um contínuo surgimento de neologismos, produtores de novos conceitos que vão se formando ao longo do tempo e da necessidade humana. Ou seja, na mesma proporção que surgem novas realidades, o homem sente a necessidade de criar novas palavras para aquele mundo, coisas, objetos e pessoas. Assim, o léxico vai abrangendo, tornando-se difícil ou quase que impossível fazer o registro de todas as palavras e descrevê-las dentro de dicionários.

As produções lexicais/léxicas estão diretamente relacionadas às experiências das pessoas que as realizam, que fazem o seu uso. Então, a inovação no campo léxico relaciona-se com a dinamicidade das experiências culturais; os neologismos, as invenções vindas da tecnologia, novas descobertas científicas, instigando a mudança para determinados grupos de pessoas em relação aos seus arranjos/vocábulos. Quando tratamos de culturas conservadoras

ou enraizadas, dentro da língua consideramos que estas produzem “retenções” lexicais, que são os mais conhecidos arcaísmos lexicais. Partindo dessa premissa, entende-se que as definições das unidades constituintes do léxico são influenciadas pela estrutura cultural e histórica de uma língua. Fazem-se, portanto, o que chamamos de repositório, sendo este do saber das pessoas para com as coisas do mundo em que fazem parte. Porque aquilo que temos como mundo natural não há necessidade de ser lexicalizado para existir, porém quando é conhecido por nós e categorizado em aspectos parecidos ou diferentes, passa a receber numa nomeação, tornando-se sígnico. São os signos, responsáveis por significar, partes constituintes e importantes do léxico de uma língua. Desse modo, quando tido um significado, o mundo se torna cultural com marcas do humano que o caracterizou e o tornou sígnico.

Em Biderman (1981, p. 138),

O léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. Por isso o léxico é o menos linguístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma que se situa entre o linguístico e o extra-linguístico.

A autora vai nos dizer que o léxico tem limites imprecisos, por encontrar-se numa linha tênue entre o linguístico e extralinguístico. Podemos dizer aqui que, enquanto parte essencial da memória linguística da cultura de uma comunidade, tomando-o no âmbito social, o léxico nos faz entender que, mesmo diversificado e complexo, possui um sistema de formação e uma estruturação que fazem amarrações em seus diversos e pequenos elementos funcionais na atividade ininterrupta de realizar a comunicação através da significação do mundo.

Para Carvalhinhos (2008), o nome próprio tem a função de identificar de forma particularizada o elemento denominado. Com isso, dentro desse processo de denominação, entram em ação fenômenos importantes/essenciais e interessantes para os estudos onomásticos, como os fatores sociais e culturais dentro/influenciando dos/os fatores linguísticos.

Desse modo, o campo da ciência Onomástica informa que esta se interessa em estudar, dar visibilidade às dimensões dos nomes próprios que não são notadas quando eles são proferidos. É essa área que se faz responsável por analisar e refletir a respeito da natureza do nome, levando em conta diversos vieses, como um ponto bastante interessante mencionado por Pinker (2008) em que discute onde mora o significado do nome, trazendo duas respostas. A primeira, ele nos diz que, seria no mundo onde estão as coisas as quais essa palavra se direciona, e a segunda seria na compreensão das pessoas acerca de como essa palavra pode

ser utilizada, sendo uma espécie de saber comum e social que se encontra na memória das pessoas. Para deixar claro, trazemos dois dos exemplos citados por ele, como gato, palavra que tem seu sentido explicado através da existência do animal, já unicórnio, seria uma palavra que tem seu significado no referencial da memória humana.

O que o autor traz como ideia é que as palavras carregam significados que exercem uma espécie de papel descritivo do que elas nomeiam. Esse processo acaba gerando uma definição, ou seja, característica/s idealizadas, que configuram o sentido da palavra, sentido esse utilizado como referência a algo ou a alguém. Temos, portanto, que o nome seria como uma “abreviatura” de descrição exclusiva e definida de algo, com o significado ligado ao ato inicial da nomeação.

Entendendo um pouco “fora da caixinha” do que está relacionado ao linguístico que envolve especificamente a constituição do nome, podemos trazer/mencionar que esse denominador acontece numa cadeia de veiculação/difusão, sendo ela formada pela combinação de um determinado som e um sentido existente dentro de uma comunidade que está atrelada a um mundo, aquilo que há em um nome e que há na cabeça, partindo da originalidade para o que é tendência de como quando lembramos de alguém, de um personagem, fazendo do ato de nomear o mais democrático e concreto, pode-se assim dizer, para criação de palavras, influenciando o crescimento de nomes ou até mesmo a queda, tendo em vista o entendimento das pessoas em relação ao que chamam de nomes agradáveis ou desagradáveis.

Carvalhinhos e Antunes (2007) trazem a concepção a respeito do nome próprio de pessoas, de que nos dias hodiernos, por conta dos padrões formados de ideias preconcebidas, o nome próprio de pessoa possui distinção quando se tratando do nome de lugares, ponto bem diferente de anos atrás em que os nomes de pessoas poderiam ser destinados para objetos, animais e lugares, possuindo assim uma função devido ao seu significado, ao tempo que hoje ele é visto de forma diferente como uma espécie de “etiquetagem” que está de acordo com o que a sociedade considera agradável/aceitável, levando em conta que a possibilidade de recusar um nome em caso de haver constrangimento.

Nesse sentido, as autoras dizem que na toponímia há nomes para esse fenômeno, o qual chamamos de cristalização ou fossilização, que seria deixar permanecer o nome do lugar vazio sendo que o seu significado já não caberia mais àquele lugar, já que o lugar teria se modificado e a referência física não faria mais parte do nome ou mesmo não seria lembrada. Com isso, temos que o nome, objeto da área de Onomástica (esta que estudamos), surge da relação entre a palavra e algo a que deseja se referir, como expõe Carvalhinhos (2008). Essa

área de estudo (Onomástica) é dividida entre o estudo dos nomes de pessoas (antropônimos) e de lugares (topônimos). Aqui nos interessaremos pelos nomes de lugares.

2.2 O SIGNO EM FUNÇÃO TOPONÍMICA

A Toponímia, em sua essência, traz como base de seus estudos o signo toponímico (nome próprio de lugar – o que chamamos de topônimo), que é o signo linguístico na função de identificador de um espaço/acidente geográfico. Desse modo, dizemos que o nome possui função de identificação, ou seja, tudo que existe tem seu/sua nome/denominação/nomenclatura, que envolve um conjunto/sistema de palavras para determinar fatos, fenômenos etc., com o objetivo de definir seu significado e sua relação com o que está externo. Quando se tratando do signo toponímico, apesar de estar entre os outros signos do sistema linguístico, há características que o distancia dos demais nomes próprios. Segundo Ullmann (1967), “a função específica de um nome próprio é identificar e não significar”. Um nome, particularmente o topônimo, além de designar, significa e pode, mediante a análise da sua estrutura:

fornecer elementos para esclarecer muitos aspectos referentes à história política, econômica e sociocultural de uma região. Desta forma, o papel do signo toponímico ultrapassa o nível apenas da identificação, servindo, pois de referência para o entendimento de aspectos da realidade em que está inserido (ISQUERDO, 1997).

Buscando entender a significação e representação, os pontos a respeito do signo trazem algumas reflexões. É mencionado que ao fazer o uso do poder de produção linguística em nomear os lugares que vive, o ser humano instaura relações: a primeira é com ele mesmo, quando consegue conhecer/perceber a realidade que o cerca e emprega a sua/seu concepção/entendimento para nomear um espaço; e a segunda é com quem ele se direciona/dialoga, porque o topônimo naturalmente possui um “poder” de emitir, com clareza, a sua significação.

Dentro dos estudos sobre a motivação do signo toponímico, Dick (1980) leva em consideração a relação de significante e significado mencionada lá em Saussure, todavia a autora diz que não há possibilidade alguma da existência de signos sem motivação (aqueles que não possuem relação com o significado), que parte da ideia de que o significante é imotivado, não possui ligação com o significado. Porém, segundo a pesquisadora, quando partimos para a toponímia, é provocada uma mudança na teoria de Saussure, por perceber-se a diversidade de aspectos existentes dentro do signo em função toponímica:

o elemento linguístico comum, revestido, aqui, de função onomástica ou identificadora de lugares, integra um processo relacionante de motivação onde, muitas vezes, se torna possível deduzir conexões hábeis entre o nome propriamente dito e a área por ele designada. (DICK, 1980, p. 288)

Ainda conforme Dick (1980), embora o topônimo em sua estrutura seja

uma forma de língua, ou um significante, animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire dimensão maior, marcando-o duplamente: o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se no ato de batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo. (DICK, 1980, p. 289)

Assim, conforme o que a autora diz, tem-se a motivação como característica do signo, sendo possível discutir acerca dos dois aspectos dentro da motivação toponímica. Temos como primeiro aspecto a intencionalidade, aquele que instiga quem está fazendo o processo de denominação, no sentido de selecionar o nome específico para um determinado acidente geográfico. Já o segundo aspecto trata-se da origem semântica daquela denominação, ou seja, do significado que ela (a denominação) possui, seja um significado opaco ou transparente.

Esses dois aspectos da denominação (intencionalidade e origem semântica), como sendo um conjunto de características específicas da motivação toponímica representam perspectivas diacrônicas e sincrônicas no estudo dos nomes de lugares, influenciando diretamente na construção das taxionomias (classificação) desses nomes. Desse modo apresentado anteriormente, podemos pensar que o signo linguístico em função toponímica, diferente do que traz Saussure, ao representar a realidade, permite transparecer a sua natureza semântica.

É possível perceber que em algumas nomeações, os topônimos ficam muito próximos do que é ícone ou símbolo, vindos da natureza dos acidentes ali denominados, colocando em questão uma das características do onomástico toponímico, que é a percepção exata do que temos como aspectos físicos e/ou antro-po-culturais dentro de uma determinada denominação. Vale ressaltar que, nem sempre conseguimos identificar com clareza qual foi a intencionalidade que levou àquele ato da nomeação, por não conseguir alcançar o denominador ou até mesmo pela grande distância de tempo do ato de surgimento do nome.

2.3 SOBRE A ONOMÁSTICA

Entrando na ciência Onomástica propriamente dita, temos a definição de que é o ramo das ciências linguísticas, que se dedica ao estudo do nome próprio. Quando se tratando da sua origem, nos remontamos às primeiras especulações filosóficas a respeito do nome lá na

Grécia e, quando partimos para o Ocidente, vemos que tem ligação com as tradições gramaticais greco-latinas, por termos que a elaboração da diferença entre nome próprio e comum inicia-se por Dionísio de Trácia – considerado o primeiro gramático da Grécia.

Entretanto, esses temas só vieram ganhar espaço, obter um tratamento científico quando houve o surgimento do advento do Estruturalismo Linguístico, entre os séculos XIX e XX, período em que a ciência dos signos foi privilegiada, também chamada por semiótica ou semiologia, da qual a Onomástica passou a ser considerada parte. Nos dias hodiernos, a onomasiologia (também conhecida por Onomástica) está dividida em dois campos, são eles: Antroponímia – trata-se do estudo dos nomes próprios concedidos a seres humanos (do gr. antropos, ‘homem’) –, e Toponímia – compreendida, de modo geral, como a área que se preocupa com o estudo dos nomes próprios de lugares (do gr. topos, ‘lugar’).

Por mais que seja definida como um campo das ciências da linguagem, a Onomástica se constitui do suporte de outras áreas do saber, o que chamamos hoje de caráter inter e/ou transdisciplinar. Por conseguinte, a sua produção de conhecimentos se relaciona com a de outros campos de estudos, sem que haja confusão entre eles, muito menos negação. Assim, a Onomástica vai assumindo uma perspectiva que traz possibilidades de incorporar métodos e uma quantidade considerável de conhecimentos de campos diversos de modo direto ou vertical e indireto ou horizontal, havendo uma predominância da perspectiva linguística, obviamente, com um olhar particular à pesquisa etimológica.

Referindo-nos aos relacionamentos inter e transdisciplinares, é necessário que o estudioso mantenha uma posição epistemológica clara no sentido de ser aberto, pois a disciplina em si se apropria de conceitos, dados e teorias de geografia, história e da própria linguística e, ainda, vez ou outra recorre à arqueologia, epigrafia, paleografia, etnografia, folclore, psicologia (a social), topografia, etc. Desse modo, nos filiamos a Toponímia – uma das subáreas da Onomástica. Muito claramente a diferença entre os nomes próprios e comuns está para além do que vemos ao escrevermos com letras maiúsculas ou não. A Toponímia, então, vem para construir uma disciplina que realiza estudos do léxico nos fazendo compreender a respeito do espaço social, histórico e cultural.

Ratificando o que foi dito, Seabra (2004) afirma:

A Onomástica se integra à lexicologia, caracterizando-se como a ciência da linguagem que possui duas áreas de estudo; a Antroponímia e a Toponímia - ambas se constituem de elementos linguísticos que conservam antigos estágios denominativos. [...] a Toponímia se integra à Onomástica como disciplina que investiga o léxico toponímico, através do estudo da motivação dos nomes próprios de lugares. Constitui-se de enunciados linguísticos, formados por um universo transparente significante que reflete aspectos culturais de um núcleo humano existente ou preexistente. (SEABRA, 2004, p. 36)

2.3.1 Os nomes de lugares

Para iniciarmos essa discussão, é interessante lembrarmos que a nomeação de um lugar é parte da cultura dos seres humanos. Mais ainda, é como uma necessidade para que as pessoas se orientem e se localizem geograficamente e, acima de tudo, é demarcação territorial de posse. As nomeações desses elementos geográficos são chamadas de topônimos. Como dito anteriormente, estes são signos linguísticos diferentes dos demais, ou melhor, não são arbitrários, pois apresentam características motivacionais.

A ação natural, a necessidade de nomear um espaço geográfico vem carregada de intenções, pois não existe escolha aleatória; uma denominação, quando escolhida, junto a ela vêm as marcas de seus denominadores, quer pela vontade de representar características físicas do local, quer pelas suas subjetividades. Dessa forma, “o que era arbitrário em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo” (DICK, 1990, p. 18).

Dick (1990) nos afirma que a toponímia brasileira é uma/un consequência/efeito do contanto com populações diversas, como ameríndia, portuguesa, africana e da Europa que um pouco depois chegaram ao Brasil. Com esse contato, diversas marcas culturais foram deixadas no Brasil e influenciam fortemente até os dias atuais.

Dito isso, os estudos feitos na área da toponímia, fundamentados pela Linguística, trazem pistas que permitem a busca de acontecimentos históricos, de características linguísticas e marcas culturais do local pesquisado/estudado. Dick (1990a) diz que é possível isso acontecer, porque “a toponímia reflete de perto a vivência do homem enquanto entidade individual e enquanto membro do grupo que o acolhe”.

De acordo com Dick (1990a, p.119):

[...] a Toponímia reserva-se o direito de se apresentar como a crônica de uma comunidade, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras. Assim é que os elementos mais diferenciadores da mentalidade do homem, em sua época e em seu tempo, em face das condições ambientais de vida, que condicionam a sua percepção do mundo, estão representados nos nomes de lugares, senão todos, pelo menos os mais flagrantes.

Logo, compreendemos que a toponímia está dentro das pesquisas referentes ao léxico, mais especificamente os nomes de lugares, implicando em grandes discussões em relação à ação de nomear o lugar podendo ser uma toponímia de caráter “espontâneo ou popular; ou sistemática ou oficial” (DICK, 1990, p. 49). No caso deste estudo, em que são topônimos de acidentes rurais – fazendas, comunidades, assentamentos, colônias agrícolas, povoados, etc –

são escolhas de caráter espontâneo, ou melhor, são nomeações provenientes de influências do espaço físico e/ou antropocultural.

É certo que, ao longo da heterogeneidade dos motivos designativos, uns surgem com maior insistência ou frequência que outros e que alguns mecanismos de nomeação são bem mais comuns em determinados estágios ou períodos da vida coletiva, como é o caso de nomes descritivos, que retratam o lugar em si, pelas próprias dimensões caracterizadoras (DICK, 1990, p. 49).

Nesse sentido, tem-se a toponímia rural como espontânea, principalmente aquela relativa aos acidentes físicos, como nomes de montanhas, de serras, rios, etc. A denominação de localidades rurais recebe influência muito grande de fatores que representam características deste ambiente e assim mostra o que a pessoa que nomeia enxerga em relação ao local nomeado, pelo fato destas localidades se encontrarem num ambiente onde pontos característicos físicos como fauna, flora, relevo e hidrografia têm destaque. Dessa forma, no ato de nomear acidentes humanos, estão influenciando fatores sentimentais que possuem relação direta com a percepção do denominador a respeito do ambiente em que vive, que vão muito além de aspectos físicos, deixando claras as características geográficas únicas de um determinado lugar. Já na toponímia urbana isso é diferente, pois vemos que questões políticas e relações de poder se mostram com mais frequência nas escolhas das nomeações de ruas, bairros, instituições, etc, quando nomeadas/os, por exemplo, com nomes de políticos, autoridades civis, entre outros.

Entendemos, portanto, que a Toponímia e Onomástica se complementam, pois, de acordo com Dick (1990) estas “[...] acham-se, assim, em uma verdadeira “relação de inclusão” em que aquela será sempre desta “uma parte de dimensões variáveis”. Com isso, os nomes dos acidentes geográficos podem ser divididos em físicos e antropoculturais.

Nesse sentido, para classificarmos os topônimos, nos baseamos, primeiramente, no que concerne o conteúdo léxico-semântico dos signos linguísticos que fazem parte da formação dos topônimos do *corpus* deste trabalho. E, além de tomarmos como base a taxionomia toponímica de Dick (1990), fizemos pesquisa de campo para a catalogação e análise de dados linguísticos e extralinguísticos que a pesquisa bibliográfica e taxionomia não conseguem dar conta. Dick (1990) propõe um sistema de classificação composto por 27 taxionomias toponímicas, em que 11 são topônimos de natureza física e 16 se referem aos topônimos de natureza antropocultural. São elas:

- **Taxionomias de natureza física**

- ❖ **Astropotopônimos:** topônimos relativos aos corpos celestiais em geral.
- ❖ **Cardinotopônimos:** topônimos relativos às posições geográficas em geral.
- ❖ **Cromotopônimos:** topônimos relativos à escala cromática.
- ❖ **Dimensiotopônimos:** topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, espessura, altura, profundidade.
- ❖ **Fitotopônimos:** topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade.
- ❖ **Geomorfotopônimos:** topônimos relativos às formas topográficas, como relevos.
- ❖ **Hidrotopônimos:** topônimos resultantes de acidentes hidrológicos de modo geral.
- ❖ **Litotopônimos:** topônimos de índole mineral, relativos à constituição do solo.
- ❖ **Meteorotopônimos:** topônimos relativos a fenômenos atmosféricos.
- ❖ **Morfotopônimos:** topônimos que refletem o sentido de forma geométrica.
- ❖ **Zootopônimos:** topônimos de índole animal, domésticos e não domésticos.

- **Taxionomias de natureza antropocultural**

- ❖ **Animotopônimos:** topônimos relativos à vida psíquica, à cultural espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano.
- ❖ **Antropotopônimos:** topônimos relativos aos nomes próprios individuais.
- ❖ **Axiotopônimos:** topônimos relativos aos títulos e dignidades de que fazem acompanhar os nomes próprios individuais.
- ❖ **Corotopônimos:** topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes.
- ❖ **Cronotopônimos:** topônimos que encerram indicadores cronológicos representados pelos adjetivos novo/nova, velho/velha.
- ❖ **Dirrematopônimos:** topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos.
- ❖ **Ecotopônimos:** topônimos relativos às habitações de modo geral.
- ❖ **Ergotopônimos:** topônimos relativos aos elementos da cultural material.
- ❖ **Etnotopônimos:** topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não.
- ❖ **Hierotopônimos:** topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças. Os hierotopônimos subdividem-se em hagiotopônimos e mitotopônimos.
- ❖ **Hagiotopônimos:** topônimos relativos aos santos e santas do hagiológico romano.
- ❖ **Mitotopônimos:** topônimos relativos às entidades mitológicas.
- ❖ **Historiotopônimos:** topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes.

- ❖ **Hodotopônimos:** topônimos relativos às vias de comunicação rural e urbana.
- ❖ **Numerotopônimos:** topônimos relativos aos adjetivos numerais.
- ❖ **Poliotopônimos:** topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoado, arraial.
- ❖ **Sociotopônimos:** topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade (largo, pátio, praça).
- ❖ **Somatotopônimos:** topônimos empregados em relação metafórica a partes do corpo humano ou animal.

Assim, destacamos que esta classificação será base de grande parte da análise dos dados encontrados. Além disso, também identificamos as possíveis motivações para as escolhas dos denominativos através dos dados dispostos nas entrevistas feitas em pesquisa de campo, assim como alguns apelidos que existem paralelamente as denominações oficiais.

2.3.2 Os estudos toponímicos no Mundo, no Brasil e em Sergipe

A partir do que foi exposto, podemos perceber como os nomes próprios têm uma natureza imensa de desdobramentos e simbolismos que, quando fazemos o estudo destes, vemos o quão são importantes para o estudo dos nomes. Tendo em vista toda a riqueza e heterogeneidade que envolvem o movimento de refletir sobre essas questões, compreendemos a Onomástica como a disciplina que mergulha nos estudos a respeito desses pontos de maneira sistematizada.

Há séculos, no Ocidente, os filósofos gregos já mostravam interesse nos estudos da relação entre nomes e referentes, e com o decorrer do tempo esse interesse foi aumentando de forma gradativa em todas as fases da História. A etimologia do termo onomástico é do grego ὀνομαστικός, *onomastikós*, usado com a acepção de ‘lista de nomes próprios’, que depois é usado com o entendimento de que é o “estudo dos nomes próprios”. Lá no século XX, através de influências dos estudos linguísticos, é dada atenção ao estudo dos nomes próprios pensando não mais somente aspectos gramaticais, como também aspectos de natureza social e discursiva. De um modo bem geral, o foco é na pesquisa de nomes de lugares e de pessoas. Assim, nos séculos XX e XXI, as pesquisas em âmbitos interdisciplinares trazem uma interface em que engloba os estudos linguísticos, a Antropologia, a Sociologia, a Literatura, entre outros, mostrando que são diversos os estudiosos de outras áreas com o interesse e preocupação com a perspectiva dos nomes próprios.

Nesse sentido, podemos pensar em relação ao interesse pelos estudos onomásticos no Brasil, valendo ressaltar que ele é recente, quando comparado ao interesse de nível internacional, devendo ter influência direta com o histórico dos estudos linguísticos no país que possui ligação com o processo de “cientifização” em decorrência da criação dos cursos de Filosofia e Letras, por volta de 1930, e se intensifica com o início dos programas de pós-graduação, principalmente pelas Universidades Federais, por volta de 1960. Devido às pesquisas com nível de mestrado e de doutorado focadas nos estudos lexicais, atentando-se aos estudos onomásticos, como o Grupo de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), os estudos sobre os nomes próprios, mais especificamente topônimos e antropônimos, são avivados.

Dentre os primeiros pesquisadores brasileiros de onomástica, são trazidos como destaques Theodoro Sampaio (1901) – O Tupi na Geografia Nacional – por meio do qual, com uma abordagem histórico e etimológica, o pesquisador mostra que os topônimos tupis têm consigo características do ambiente nomeado, Agenor Lopes de Oliveira (1957), que publicou a obra Toponímia Carioca – volume 3 da Coleção Cidade do Rio de Janeiro, Armando Levy Cardoso (1961), em Toponímia Brasília, tratou em sua obra da influência das línguas aruaque e caribe na toponímia amazonense, Carlos Drummond (1965), na tese de livre docência Contribuições do Bororó à toponímia Brasília, apresenta a herança do povo bororo, da Região Centro-Oeste, para a toponímia brasileira, e também aponta a deficiência de uma sistematização metodológica para os estudos toponímicos no Brasil, Octaviano de Mello em 1967 escreveu a obra Topônimos amazonenses – nomes das cidades amazonenses, sua origem e significação e Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, a última com muitos trabalhos, e todos eles (os autores) com estudos no âmbito da Toponímia.

Assim, foi desenvolvido um projeto com o Atlas Toponímico Brasileiro (ATB), tendo como objetivo catalogar topônimos brasileiros em sua macro e microtoponímia, apresentando modelos onomásticos semelhantes de denominação geográfica, constatando o predomínio da origem linguística e possíveis motivações semânticas do léxico-toponímico que é utilizado nas variadas regiões do Brasil, fazendo associação a processos históricos e culturais de cada região.

Para isso, criou-se vários desdobramentos do ATB em regiões diversas do país, interligando pesquisas já realizadas nesses lugares/estados, assim foram surgindo os Atlas Toponímicos do Paraná (ATEPA), de Minas Gerais (ATEMIG), do Mato Grosso (ATEMT), do Mato Grosso do Sul (ATEMS), do Tocantins (ATT), da Amazônia Ocidental Brasileira

(ATAOB) e o do Ceará (ATEC). Entende-se, portanto, que o intuito é conservar a riqueza lexical-toponímica que há no Brasil. Contudo, segundo Carvalhinhos (2008), o Brasil precisa de uma implementação de política mais rigorosa a respeito do levantamento dos topônimos, para que assim o país seja inserido no contexto em que a Toponímia se encontra lá no exterior, onde a valorização aos trabalhos nessa área de estudos, é mais evidente.

No estado de Sergipe, destacamos os trabalhos do pesquisador e professor Cezar Alexandre Neri Santos. Traremos dois dentre eles, o primeiro em sua dissertação de mestrado, que trata sobre o percurso do topônimo *Sergipe*, tal qual conhecemos, que já foi escrito de diferentes maneiras desde a colonização das terras brasileiras, na década de 1590, como *Ciriji*, *Sirigype*, *Serzipe* e até mesmo *Serygipe*. O trabalho surge da ideia de que toda nominata coletada permite recuperar elementos línguo-culturais de Sergipe colonial, que durante a época investigada (de 1594 a 1623) teve suas terras exploradas por parte da Coroa Portuguesa. É a partir disso que surgem as cartas de sesmarias com a função de registrar todas as atividades em relação ao cultivo nos lotes menores de terra doadas aos colonos. Dito isso, para a realização da análise dos topônimos registrados nessa época, o professor Cezar teve acesso às 218 cartas sesmarias disponíveis no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE).

O segundo trabalho destacado aqui é a sua tese de doutorado, uma pesquisa que descreve e analisa os nomes de 464 núcleos de povoamento de Sergipe, de modo que identifica elementos etnolinguísticos, linguísticos e sócio-históricos do estado estudado por meio da nomenclatura geográfica de cidades, povoados e aglomerados urbanos e rurais, tendo em vista que os nomes próprios de lugares apresentam elementos linguísticos e extralinguísticos da relação entre sociedade e natureza, retratando os diversos aspectos dos grupos denominadores das localidades.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO GEO-HISTÓRICA E SOCIOECONÔMICA DO *LOCUS* DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente seção é destinada à apresentação da contextualização do *locus* de pesquisa, destacando seus processos de povoamento, de urbanização, aspectos relativos ao turismo e à socioeconomia; na subseção seguinte, apresenta-se a macrotoponímia de Canindé de São Francisco (análise do nome do município, neste caso); e os procedimentos metodológicos da presente pesquisa. Por termos como *locus* de pesquisa a cidade de Canindé de São Francisco, mais especificamente os topônimos das comunidades rurais desse município, ao longo da seção, mostramos nossa preocupação a respeito de um conhecimento aprofundado sobre a sócio-história local por levantamento bibliográfico e documental, embasado em procedimentos teórico-metodológicos da toponímia rural brasileira. Por fim, explicamos os caminhos que optamos por seguir no processo de análise dos topônimos apurados, a saber: coleta, seleção e análise dos dados.

3.1 POVOAMENTO E URBANIZAÇÃO DE CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO

Para pensarmos o *locus* de pesquisa e, assim, entendermos aspectos relacionados à toponímia canindense, procedemos com um histórico do povoamento, da urbanização e do turismo locais, de modo a destacar como a identidade dessa comunidade apresenta traços físicos – hidrografia, relevo, fauna e flora – e culturais – tradições, língua(s), crenças etc.

Quanto ao povoamento, Souza (2001) afirma que, depois da conquista de Sergipe por Cristóvão de Barros, em 1590, a margem direita do rio São Francisco foi muito desejada pelos colonos oriundos da Casa da Torre, na Bahia de Todos os Santos, e de Pernambuco. O povoamento dos sertões se intensificou no século XVII, quando foram distribuídas sesmarias à margem do rio São Francisco. Toda região, então, que hoje compreende a cidade de Canindé, antes pertencia ao Morgado de Porto da Folha. Com o tempo, pela solicitação de sesmaria, houve a doação de 30 léguas de terra (SOUZA, 2001) a cinco donos. Essa Carta foi enviada ao Provedor-mor Real da Fazenda, Lourenço de Britto de Figueiredo, em 25 de novembro de 1679, justificando que todos possuíam cabedal (acúmulo de bens materiais, intelectuais e morais) para usufruir as ditas terras. Assim, não houve êxito no processo de invasão daqueles que naquele momento seriam os ‘primeiros proprietários’, não por falta de interesse, mas pela perseguição da Coroa em relação aos índios e mamelucos (filhos de indígenas com brancos), que se refugiavam ali e eram os primeiros e verdadeiros donos das

terras, vedando suas terras da invasão. Com a nomeação do Capitão-mor Dias da Costa, foram destruídos os redutos de indígenas e de negros aquilombados em mocambos.

No início do século XIX, essas terras antes concedidas ao Desembargador Christovam de Burgos, Pedro Garcia Pimentel, ao Capitão Manoel de Coutto Dessa, Hieronimo da Costa Taborda e Antonio Rodrigues foram incorporadas ao Morgado de Porto da Folha, sendo declarado como devoluto à Coroa. É então que, no final do século XIX, o Capitão Luiz da Silva Tavares, herdeiro do Morgado, vende, por quinhentos mil reis, a Francisco Cardoso de Brito Chaves, grandes propriedades inexploradas, sendo elas Cuiabá, Brejo, Caiçara e Oroco – Fazendas distantes umas das outras, com vegetação da caatinga formada de cardos, espinheiros, gravatás, mandacarus, macambiras e coroas de frade. Após a aquisição das terras, os irmãos Chico Porfírio e João Fernandes de Britto construíram residência e constituíram o Curtume Canindé, atraindo mão de obra e permitindo moradas no lugarejo.

Souza (2001) informa que a antiga povoação era constituída pelo chamado *Canindé de Cima*, com casas de pescadores, e pelo *Canindé de Baixo*, onde o curtume, as residências dos proprietários, dos trabalhadores e de uma pequena 'elite' estava localizado. Passou a ser Vila, por meio da Lei nº. 69, de 28 de março de 1938. O curtume se transformou em indústria mecanizada, permitindo o crescimento do lugarejo e a hegemonia da família Brito. Em 1940, o curtume foi desativado, dando um enorme prejuízo à Vila.

Figura 1 - Antiga Canindé de São Francisco-SE – Canindé de Baixo



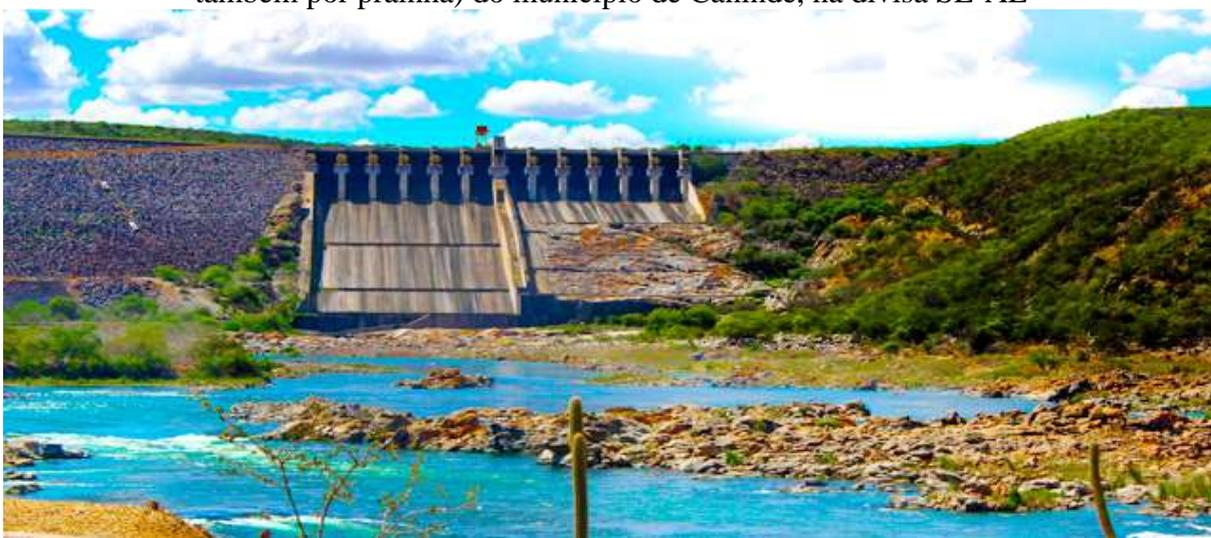
Fonte: G1 – Tv Sergipe. Disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/riquezas-do-sertao/fotos/2015/11/fotos-antigas-revelam-historia-de-caninde-de-sao-francisco.html#F1852077> Acesso em 21 out. 2022, 19h52min.

Por meio da Lei nº 377, de 31 de dezembro de 1943, no intuito de que não houvesse nomes idênticos para diversos lugares no Brasil, *Canindé* passou a ser chamado de Curituba (atual nome de um povoado do município), em referência ao importante rio *Curituba* que

banha a localidade. Os moradores do lugar não se contentaram e reivindicaram a volta do nome inicial. O desenvolvimento conseguido até então permitiu a emancipação do município de Porto da Folha pela Lei Estadual de número 525-A, de 25 de novembro de 1953. Souza (2001) relata que esse retorno somente foi possível com a Lei nº. 890, de 11 de janeiro de 1958, publicado no Diário Oficial nº. 12.501, de 14 de janeiro do mesmo ano, com o novo topônimo *Canindé de São Francisco*, denominação mantida até o tempo presente.

Em 06 de fevereiro de 1955, o município é instalado, contudo com a construção da Hidrelétrica de Xingó, pela empresa da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), houve a necessidade de deslocamento daquela cidade que estava localizada às margens do rio para a parte mais alta da localidade, com as justificativas de que não havia espaço para a expansão, já que com a construção de Xingó o desenvolvimento viria forte e que a antiga Canindé ficaria ali em área de risco.

Figura 2 - Usina Hidrelétrica de Xingó, localizada no atual bairro Beira Rio (conhecido também por prainha) do município de Canindé, na divisa SE-AL



Fonte: ZARPO mag. Disponível em: <https://magazine.zarpo.com.br/melhor-de-caninde-de-sao-francisco/>. Acesso em: 21 out. 2022, 21h33min.

Segundo Souza (2001), naquele momento de mudança, três frentes de missão se estabeleceram. A primeira era voltada à construção da Usina; a segunda era a CHESF conseguir conscientizar a todos os moradores sobre a necessidade de mudança; a terceira ficou para a Universidade Federal de Sergipe fazer estudos a respeito dos impactos ambientais causados pela construção e a recuperação de material arqueológico dos Sítios de Justino e São José encontrados no Museu Arqueológico de Xingó, demonstrado na figura seguinte.

Figura 3 - Museu de Arqueologia de Xingó



Fonte: ZARPO mag. Disponível em: <https://magazine.zarpo.com.br/melhor-de-caninde-de-sao-francisco/>. Acesso em: 21 out. 2022, 21h39min.

Com isso, a nova cidade de Canindé foi inaugurada em 06 de março de 1987 pelo então Presidente da República, José Sarney, pelo Governador do Estado, João Alves Filho, e pelo Prefeito da Nova Canindé, Jorge Luiz de Carvalho.

Figura 4 - Canindé de Cima, atual Canindé de São Francisco-SE



Fonte: Destaque Notícias. Disponível em: <https://www.destaquenoticias.com.br/caninde-e-monte-alegre-de-sergipe-ficaram-maiores/>. Acesso em: 21 out. 2022, 21h35min.

Canindé de São Francisco constitui-se um município brasileiro no extremo noroeste do estado de Sergipe, distante cerca entre 200 e 215 quilômetros da capital Aracaju. É o terceiro município mais populoso da microrregião, com população estimada em 30.894 habitantes

para o ano de 2021. Tratando-se sobre alguns aspectos fisiográficos, o município está inserido no polígono das secas, com um clima de tipo megatérmico árido, temperatura média de 25°C e período de chuva entre os meses de março e julho, além de possuir um relevo de superfície Pediplanada e Dissecada com solos cobertos por uma vegetação de Capoeira e Caatinga.

É uma cidade do sertão sergipano que faz divisa com os estados de Alagoas e Bahia, apresenta diversas riquezas naturais, a exemplo disso, é o nosso rio São Francisco (que impulsiona o turismo), sendo também um grande mercado exportador da agricultura local. O PIB da cidade é de cerca de R\$ 2,7 bilhões, com participações da indústria, administração pública, dos serviços, da agropecuária e agricultura (IBGE, 2022).

A cidade se destaca pela alta regularidade das vendas no ano e pelo elevado potencial de consumo, com 2,3 mil empregos com carteira assinada para o ano de 2021. A remuneração média dos trabalhadores formais do município é de R\$ 2,4 mil, valor acima da média do estado, de R\$ 2,4 mil. Do total de trabalhadores, as três atividades que mais empregam são da administração pública em geral (1399), comércio varejista de móveis (91) e hotéis (65). Entre os setores característicos da cidade, também se destacam as atividades de administração pública em geral e fabricação de laticínios. Além disso, a agricultura é um setor forte, é a base e movimenta a economia local, o motivo é a colheita imensa de quiabo chegando a 500 toneladas por semana, como também acerola, milho, macaxeira, que são produzidos na região graças aos sistemas de irrigação, rendendo lucro para o município de cerca de 2 milhões, essas produções abastecem os estados da Bahia, Alagoas e Pernambuco. Assim, apesar do turismo ser um importante vetor da economia, a agricultura permanece com o protagonismo.

É importante também destacar que hoje é um polo do turismo, devido aos cânions do rio São Francisco. É uma cidade que possui uma 'prainha' (beira-rio) famosa, com intuito de atender à crescente demanda turística. Em 2016 a localidade passou a contar com a Orla Salomão Porfírio Britto para a comodidade tanto de seus habitantes locais como também para a apreciação da linda vista do famoso rio São Francisco como presente aos seus turistas. Canindé serve como base e possui infraestrutura turística para passeios no Monumento Natural do Rio São Francisco, onde encontram-se os famosos cânions e também conta com visitas guiadas para a Usina de energia de Xingó como também é nessa localidade que se situa o conhecido Museu de Arqueologia de Xingó (MAX).

Figura 5 - Antiga Canindé de Baixo, atual bairro Beira Rio (conhecido também por prainha e Orla Salomão Porfírio Britto)



Fonte: Clicksergipe. Disponível em: <https://www.clicksergipe.com.br/entretenimento/28/18945/orla-de-caninde-fomentara-turismo-na-rota-do-sertao.html>. Acesso em: 21 out. 2022, 20h43min.

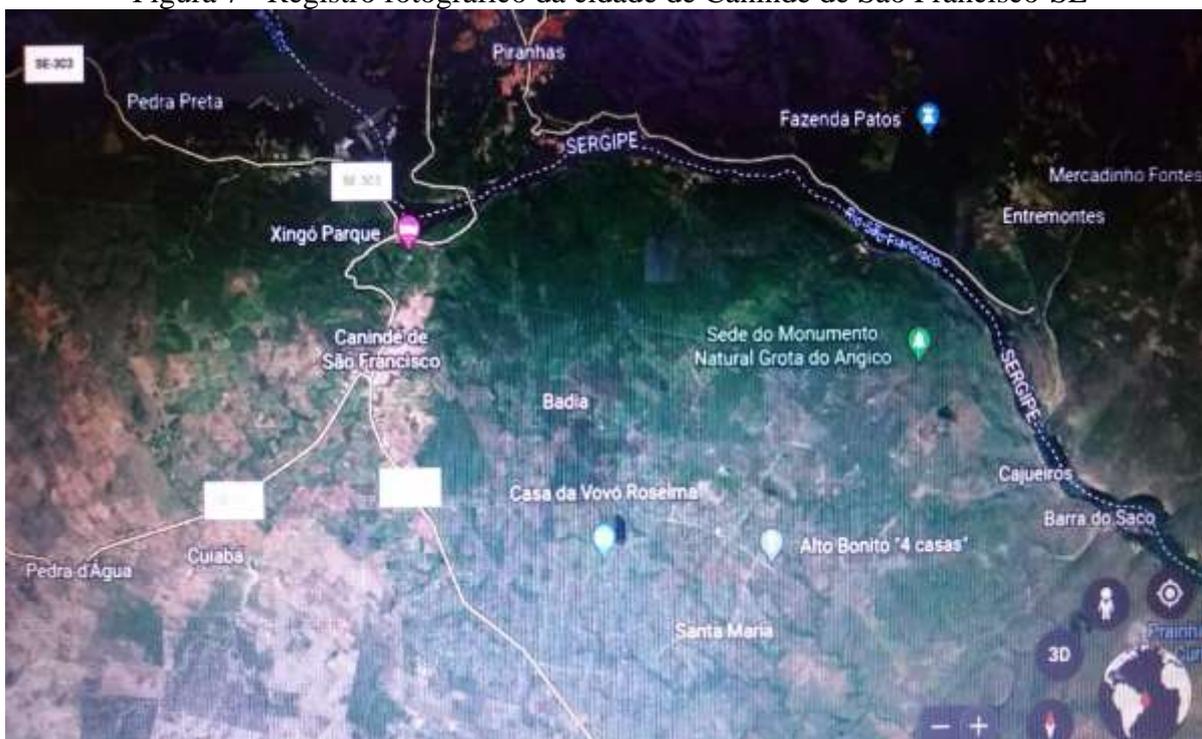
Devido às belezas naturais, o município foi palco de cenas televisivas, como a minissérie *Amores Roubados*, a telenovela *Cordel Encantado* e ambientação-base do enredo da telenovela *Velho Chico*, todas da Rede Globo.

Figura 6 - Novela Velho Chico, autores Domingos Montagner e Camila Pitanga no cenário do rio São Francisco



Fonte: Folha de São Paulo. Disponível em: <https://telepadi.folha.uol.com.br/a-contradicao-de-velho-chico-novela-e-finalista-ao-emmy-mas-nao-cabe-no-catalogo-de-vendas-internacionais/>. Acesso em: 21 out. 2022, 21h45min.

Figura 7 - Registro fotográfico da cidade de Canindé de São Francisco-SE



Fonte: *Google Earth* (2022).

3.1.1 O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em Canindé de São Francisco-Sergipe

É importante aqui mencionarmos um pouco da história do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), pois, com a chegada da Usina Hidrelétrica de Xingó e a consequente urbanização de Canindé, houve participação ativa dos membros do movimento na localidade. Considerando o *corpus*, de natureza rural, compreendemos que compreender tal influência nas motivações das escolhas das denominações na toponímia rural do município de Canindé de São Francisco-SE é questão chave do trabalho.

Com a construção da Usina Hidrelétrica de Xingó na divisa de Sergipe-Alagoas, mais precisamente entre Canindé-SE e Piranhas-AL, muitos impactos foram causados na região. O desemprego gerado pelo fim das obras da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) foi uma das razões para os trabalhadores se organizarem e lutarem pelas terras. De acordo com informações do portal do MST e com Silva e Lopes (1996), o sertão sergipano é um território com alta densidade de latifúndios improdutivos e fazendas de gado extensas, habitados por camponeses de baixa renda. Isso começou a mudar na década de 1980, pois se intensificaram mobilizações de trabalhadores rurais e de essenciais setores da sociedade no

que concerne a discussão de fazer urgentemente a reforma agrária no estado de Sergipe.

De acordo com Santos (1999), a partir de 1987 que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) passou a conduzir a luta dos trabalhadores rurais no estado sergipano. Nas primeiras ocupações do movimento tiveram como papel essencial a mediação da Diocese de Propriá, através da Pastoral da Terra, do Movimento de Educação de Base e dos sindicatos dos trabalhadores rurais da região.

No município de Canindé de São Francisco, especificamente, a primeira ocupação se deu em 12 de março de 1996, quando os trabalhadores rurais ocuparam alojamentos da Usina Hidrelétrica de Xingó como demonstração do sentimento de revolta em relação a um programa excludente do Governo Federal então – a construção da Usina Hidrelétrica de Xingó e do projeto agrícola Califórnia – e depois seguiram para a fazenda Cuiabá. Nessa fazenda, foram assentadas duzentas famílias, que vieram de vários municípios sergipanos como Nossa Senhora da Glória, Monte Alegre, Poço Redondo e de Canindé, bem como de estados vizinhos, como Bahia, Alagoas e Pernambuco. Enquanto isso, antigos moradores da localidade não conseguiram lotes de terra. No atual assentamento Cuiabá, que permaneceu com o nome da antiga fazenda, fato comum a vários outros assentamentos, foi construída uma agrovila com duzentas casas e cada assentado recebeu um lote com vinte tarefas para produzir através de cerqueiro e doze tarefas para irrigação.

Com a conquista da fazenda Cuiabá, houve um pontapé para posteriores ocupações em outras áreas improdutivas de Canindé. Assim, muitas famílias ocuparam a fazenda Alto Bonito e nessa localidade foi determinado o projeto Jacaré-Curituba, entre outros locais que se tornaram assentamentos e colônias agrícolas conquistados pelo movimento. Em abril de 1997, os trabalhadores, organizados com bandeiras, foices, violão e facão, seguiram caminhando e cantando em marcha por 12 dias, saindo de Canindé de São Francisco até a capital sergipana, lutando em prol da pauta de reivindicação das áreas do alto sertão do estado, como registrado na Figura 8.

Figura 8 - Trabalhadores rurais sem-terra em marcha saindo de Canindé com destino à capital sergipana



Fonte: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (Brasil). Disponível em: <https://mst.org.br/2019/03/12/23-anos-da-conquista-do-assentamento-cuiaba-em-caninde-do-sao-francisco/>. Acesso em: 03 de abril 2023, 15h15min.

Mesmo com a disposição do proprietário da fazenda ocupada em desapropriar para os trabalhadores sem-terra, que não procurou impor restrições em relação à desapropriação, a luta dos acampados segue com diversos obstáculos, pois o Estado não efetivava a oficialização imediata do assentamento. Diante desses impasses, os acampados enfrentaram problemas como fome, problemas de saúde e um certo embate com a comunidade local. Hoje, a área se tornou um projeto de Reforma Agrária e um marco histórico na luta do MST no estado de Sergipe. Serviu ainda como ponto de partida de uma mudança completa no Alto Sertão, trazendo desenvolvimento econômico e social para a região. Ainda, segundo o MST, a ocupação da CHESF e a Reforma Agrária foram a solução para a melhoria econômica, política, cultural e social, transformando e agregando valores às famílias.

Nesse sentido, os assentamentos e colônias agrícolas mencionados posteriormente são parte do histórico de ocupações e de lutas pelas terras por parte dos trabalhadores rurais sem-terra da região do Alto Sertão Sergipano, partindo dessa marcante conquista da fazenda Cuiabá. Com isso, espera-se compreender, em alguma medida, os topônimos de assentamentos e colônias agrícolas que não são mártires (homenageados), que estão para além das características físicas locais e que não foram encontradas informações iniciais para a justificativa das escolhas lexicais, são denominações das antigas fazendas que os atuais ocupantes optaram pela permanência de tais topônimos.

Para finalizar esta subseção, considera-se relevante ressaltar que não foi possível obter mais materiais que pudessem trazer um pouco mais da história do MST em Canindé, pois é de fato muito importante entendermos o contexto e o que é externo ao material linguístico para compreendermos a relação da toponímia com a sócio-história local, fechando lacunas e narrativas incertas e fantasiosas. Desse modo, a história do MST no município canindeense, mesmo que descrita de forma superficial, se deu com o intuito de identificar a relevância e influência desse movimento nos topônimos rurais, porque não há como contar a história do município e do seu desenvolvimento urbano sem trazer tais aspectos vinculados à luta da terra via Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

3.2 O HISTÓRICO TOPONÍMICO DE CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO

Trazendo como mote de discussão os nomes da localidade, identificamos, desde antes do processo de povoamento pelo europeu/contato interétnico, que o nome *Canindé* sempre esteve presente na história da localidade. Nossa discussão se baseia na ficha toponímica sobre Canindé de São Francisco apresentada por Santos (2019, p. 271). Para entendermos o processo histórico do nome da cidade, é importante mencionarmos que os nomes próprios de cada lugar também trazem os traços línguoculturais e tem uma considerável influência de alguns grupos étnicos.

Dick (1990) aborda que

é fora de dúvida que o estrato toponímico comporta considerações referentes não só aos nomes de origem portuguesa como aos dois outros adstratos linguísticos coexistentes desde os primeiros momentos de nossa história, o indígena e o africano, além do moderno contingente de nomes resultantes da imigração européia. Em cada uma dessas camadas línguotoponomásticas, uma tendência motivadora própria pode ser apontada, característica do elemento humano que as define (DICK, 1990, p. 10).

Souza (2001) reflete sobre o topônimo *Canindé* e como isso permeia a própria sócio-história do município. Canindé é uma palavra de origem tupi, cujo étimo *kani'ne* refere-se a uma espécie de ave da família dos psitacídeos que é a arara-canindé, também conhecida como arara-de-barriga-amarela, arara-amarela, arara-azul-e-amarela, é uma das mais conhecidas representantes do gênero *Ara*, sendo uma das espécies emblemáticas do cerrado brasileiro e importante para muitas comunidades indígenas.

Assim, percebe-se que a escolha desse nome está relacionada a um aspecto da natureza, tal qual um indicador desse lugar. Devido à abundância dessa ave na região, esse foi o topônimo primário da localidade, mesmo antes de sua emancipação política. O nome Canindé

de São Francisco, também traz referência ao rio São Francisco, o qual tem sua nascente histórica no alto do Parque Nacional da Serra da Canastra, em Minas Gerais, no município de São Roque de Minas, região considerada um grande berço de rios e banha o município, sendo considerada uma grande riqueza natural deste território.

Algumas entidades católicas como santos e santas, anjos e arcanjos, entre outras, constituem, uma classe produtiva na toponímia sergipana. No caso de Canindé de São Francisco, a referência a santos e santas católicas não se restringe à classe hagiotoponímica, se apresentando em diversas posições da estrutura toponímica, tendo como sua origem a tupi-portuguesa. Uma homenagem a São Francisco de Assis se faz um topônimo religioso, sendo assim uma motivação religiosa, por este município ser ribeirinho, encontrando-se às margens do “Velho Chico”. A presença da preposição *de* está no sentido de fazer referência ao rio São Francisco presente na formação natural da localidade. O *são* significa sagrado, aquele que vive segundo os preceitos religiosos, segundo a tradição judaico-cristã, atributo de Deus e um dos seus nomes, originário do latim *sanctus*. Quando se tratando de *Francisco* temos como nome de homem, *Franciscu*, latinização do germânico *Frankisch*, tendo sua formação com *frank*, franco, e com o sufixo *-isk*, sendo assim francês, com origem atribuída ao nome da lança de guerra pelos francos, ligada ao adjetivo franco, no sentido de livre, independente.

Conseguimos perceber, portanto, que o topônimo possui uma estrutura morfológica composta que, segundo Dick, para a classificação do sintagma toponímico, “o termo genérico vem acompanhado de algum qualificativo que não lhe retira o caráter denunciado, mas apenas o explicita, tornando-o, por certo, mais completamente descritivo.” (DICK, 1990, p. 11). Então, podemos dizer que o elemento genérico está para cidade/município, e o elemento específico está para Canindé de São Francisco, composto por nome (Canindé) + preposição (de) + adjetivo (São) + nome (Francisco).

Para entendermos o seu histórico toponímico, mergulhamos na história de que este território teve sua penetração através do rio Curituba em 1629. Então este foi o segundo nome que obteve a cidade de Canindé de São Francisco, que por possuir um rio chamado Curituba, passou a chamar-se assim. Naquele período, algumas pessoas não aceitavam a mudança da denominação, pois já estavam acostumadas com o nome Canindé e então depois de um tempo sendo chamada de Curituba, foi decidido que a cidade voltaria para a sua nomeação inicial, mas acrescentaria o topônimo “de São Francisco”, para que não houvesse homonímia com um município do Ceará, e, desta forma, tendo como motivação a paisagem natural da localidade, como já foi mostrado anteriormente.

Atualmente, no município de Canindé de São Francisco, encontra-se o Povoado

Curituba, situando-se a dezoito quilômetros de distância da zona central, então vemos que o que antes era um dos topônimos da cidade passou a ser o topônimo de um povoado da mesma região. Segundo informações de uma entrevistada nossa (residente do povoado há anos), o povoado ficou conhecido depois da descoberta de uma fonte no local. Os moradores locais sofriam muito com a escassez de água, sendo preciso se deslocar para lugares mais distantes no intuito de conseguir água. Então, em um certo dia, alguns moradores estavam caçando, já que isso era bastante comum naquela época, e avistaram um caititu, que é um mamífero artiodáctilo, e o que lhes chamou atenção foi que as patas do animal estavam sujas de lama, levando os caçadores a entender que havia água em algum lugar próximo. Com isso, eles decidiram não matar o animal, mesmo sendo esse o seu principal objetivo ao partir à caça, optaram por seguir o animal na esperança de encontrar a água. Depois de um tempo, fazendo o mesmo caminho do caititu, chegaram no lugar esperado. Embaixo de uma pedra, se formava uma poça d'água, e quanto mais eles cavavam, mais água encontravam. E assim aconteceu a descoberta da fonte no Povoado Curituba, sendo um importante marco na história do povoado.

O povoado é pequeno, porém vem se desenvolvendo. O comércio local conta com mercados, açougue, frigoríficos, lanchonetes e bares. Possui também duas escolas, facilitando o deslocamento da comunidade local e das comunidades mais próximas. Fazendo a análise do topônimo, vemos que a motivação principal para este nome foi a descoberta do rio Curituba, fonte de água para aquela região. Não descobrimos ao certo qual seria o topônimo anterior ao Curituba, mas podemos afirmar que esta região era formada por possíveis fazendas divididas durante o período das Sesmarias, ao mesmo tempo que houve, com o passar do tempo, formação de assentamentos, povoados, comunidades e colônias agrícolas através do Governo Federal e Estadual, no intuito de estabelecer meios de sobrevivência com o cultivo de terras para famílias que ali habitavam/habitam.

Assim, como topônimo, se classifica dentro dos fitotopônimos, pois é variação de Curityba que tem relação com planta pinhal, de acordo com Sampaio (1901), tendo sua estrutura morfológica simples dentro do que nos diz Dick (1990). Pois, temos o elemento genérico chamado povoado, e o próprio elemento específico chamado Curituba, não mais que isso, não mais que um.

Curituba e Canindé são nomes de origem Tupi, o que nos faz entender que a língua indígena permaneceu influente nas escolhas do povo, mesmo sendo dominada por outras línguas. Já que por muitos anos, dentro da história, índios e quilombolas estiveram presentes e vivendo nas margens do rio São Francisco.

Logo, como podemos ver, há topônimos que preservam formas linguísticas de origem dialetal desconhecida ao falante da língua. Devido ao distanciamento cronológico, esses elementos se tornaram incompreensíveis, contudo, quando analisados etimologicamente, é possível ocorrer o reconhecimento da sua significação e do seu estrato de origem. Por exemplo, quando nomeava um lugar, o índio da tribo Tupi verificava as características mais marcantes para descrever o ambiente e o nome que podia corresponder fidedignamente a essa descrição. Em Sampaio (1901), os nomes dos lugares quando definidos por índios “[...] são, a bem dizer, verdadeiras definições do meio local”.

Essa forma de nomear nos lembra o que Sapir (1969) afirma sobre o ambiente, em que os aspectos ligados ao ambiente físico só recebem nome se houver interesse das forças sociais sobre as ações do coletivo. Logo, a forma descritiva como os índios atribuíam nomes aos lugares devia-se à relação próxima que tinham/tem com a natureza e a necessidade de localizar o lugar de uma maneira que fosse mais clara.

Isso pode ser exemplificado quando vemos alguns elementos mórficos de origem indígena que estão presentes em diversos topônimos, por exemplo, o sufixo -tyba e suas variantes, - tuba, - ndiba, - nduba (abundância, grande quantidade) ou o sufixo -mirim (mi’ri: pequena cousa), ambos de origem tupi. Mesmo com a barreira do tempo, tais morfemas associados a outras formas conseguiram manter-se na geonomástica brasileira.

3.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA TOPONÍMICA

Nesta subseção, apresentaremos os passos que foram seguidos para a realização da pesquisa acerca dos topônimos das comunidades rurais da cidade de Canindé de São Francisco-SE. Nesse aspecto, a pesquisa tem caráter qualitativo, de forma descritiva-interpretativa, e quantitativo, por gráficos e tabelas para demonstração das incidências/recorrências, os quais concedem uma análise dos topônimos que são mostrados na Tabela 1.

3.3.1 Coleta de dados: oficiais e não oficiais

O *corpus* da pesquisa se dá pela descrição e interpretação dos nomes de comunidades rurais do município de Canindé de São Francisco-SE listados na fonte secundária da Tabela 1. O documento foi disponibilizado pela Secretaria de Agricultura e pelo departamento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, de Canindé, da quantidade de famílias

pertencentes a cada localidade citada no quadro abaixo. Assim sendo, foram coletados e analisados 78 topônimos do município de Canindé de São Francisco-SE, todos de comunidades rurais, povoados, assentamentos e colônias agrícolas.

Desse modo, buscaram-se, como respaldo teórico-metodológico na área da Toponímia, os estudos de Santos (2019), que trata da toponímia sergipana em sua tese, e outros autores, principalmente de Dick (1990, 1992, 2004). Os dados são apresentados por meio de quadros e comentados em seguida. Nossa pesquisa, se valerá de dois quadros toponímicos, com a disposição de dados linguísticos e extralinguísticos. A estrutura do quadro contém campos como *número*, *topônimo oficial + elemento genérico*, *análise morfossemântica*, *informações enciclopédicas/dados orais*, *taxionomia* e *topônimo paralelo*, que serão melhor explicados logo após a exposição do quadro.

Quadro 1 - Modelo de Quadro Toponímico

N.	TOPÔNIMO OFICIAL ATUAL + ELEMENTO GENÉRICO	ANÁLISE MORFOSSEMÂNTICA	INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS / DADOS ORAIS	TAXIONOMIA	TOPÔNIMO PARALELO
1	Assentamento				
2	Colônia Agrícola				
3	Comunidade				
4	Projeto de Assentamento				

Fonte: Adaptado de Dick (2004).

Os elementos que se fazem necessários para a compreensão deste estudo e que compõem o quadro toponímico são:

- *N. (número)*: fizemos os registros numéricos referentes aos 76 topônimos (comunidades rurais) da cidade de Canindé de São Francisco, seguindo a mesma ordem alfabética presente no documento base desta pesquisa (da Secretaria de Agricultura de Canindé de São Francisco-SE, disponível na Tabela 1), partindo do elemento genérico Assentamento sendo finalizada com Projeto de Assentamento.
- *Topônimo Oficial Atual + Elemento Genérico*: respectivamente, é indicado através das informações obtidas no documento base para esta pesquisa, disponibilizado pela Secretaria de Agricultura de Canindé de São Francisco-SE. Este é parte principal da formação toponímica (elemento específico), o qual é classificado e estudado dentro do campo linguístico e o que mais nos interessa na pesquisa; indicamos o elemento genérico a partir do que diz Dick

(1990), em que este se identifica como o lugar em si e não o nome propriamente dito, como citado no quadro 1 *Assentamento, Colônia Agrícola e Comunidade*.

- *Análise Morfossemântica*: levamos em consideração o que chamamos por elemento específico como sendo *simples* ou *composto*. Destacamos a classe nominal, como Sf= substantivo feminino; Sm= substantivo masculino; V= verbo; Adv= advérbio; Adj= adjetivo; Preposição. Ainda identificamos quando é nome próprio em função toponímica. Com as consultas aos dicionários, registramos a acepção etimológica dos constituintes do topônimo e, quando possível, a sua procedência linguística.
- *Informações Enciclopédicas / Dados Orais*: nos valem de dicionários, artigos, enciclopédias, IBGE, site oficial regional de entidade e pesquisa de campo para obter os dados a respeito da motivação toponímica de cada topônimo estudado. Tomamos como primeiras fontes de pesquisa dois dicionários de língua tupi e um de língua portuguesa, respectivamente, *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi* (CUNHA, 1998), *O Tupi na Geographia Nacional* (SAMPAIO, 1901) e *Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras* (BECHARA, 2011); os dados orais são dados selecionados de fontes orais via entrevistas realizadas de forma *online*, virtualmente no caso, e *in loco* quando foi viável. Tivemos como roteiro para entrevistas o questionário disposto no quadro 2 da presente seção.
- *Taxionomia*: é a taxa a qual o topônimo oficial pertence, seguindo o modelo proposto por Dick (1990), que além de estar apresentado no quadro 1, é explicado na seção 2 e se encontra na análise detalhada da subseção 4.1.
- *Topônimo(s) paralelo(s)*: são aquelas denominações não oficiais, que não podem ser classificadas, mas que estão dentro do estudo extralinguístico. Coletamos apenas seis denominações não oficiais via informações documentais (o mesmo documento base da pesquisa), mas também por vias orais com as entrevistas realizadas.
- Utilizamos *N/E* para a identificação de que a comunidade rural não possui ou não foi encontrado por meio da pesquisa um ou mais topônimos paralelos para a localidade.

A seguir, procedemos com a descrição da pesquisa de campo e, em seguida, à análise do *corpus*.

3.3.2 Sujeitos de pesquisa e pesquisa *in loco*

Apesar de a pesquisadora ser residente do local, alguns desafios foram encontrados

durante a busca por informações necessárias para o estudo, a começar pela obtenção de sujeitos “ideais” de pesquisa – aqueles que residem, no mínimo, entre 15 e 20 anos na comunidade, considerado o tempo suficiente para conhecer o porquê do nome de cada comunidade. A escolha, então, dos informantes se baseou na facilitação de encontro de sujeitos aptos, tomando aqueles com um tempo de habitação na localidade de, no mínimo, entre 15 e 20 anos, como mencionado.

Tabela 1 - Comunidades rurais de Canindé-SE

COMUNIDADES E AFINS ATINGIDAS E QUANTIDADES DE PESSOAS			
ORDEM	COMUNIDADE	NÚMERO MÉDIO DE PESSOAS	NÚMERO DE FAMÍLIAS
01	Assentamento Jacaré-Curituba V (Canadá)	316	79
02	Assentamento Cuiabá	800	400
03	Assentamento Modelo	224	56
04	Assentamento Mandacaru	312	78
05	Assentamento Florestan Fernandes (Oroco)	144	36
06	Assentamento Monte Santo	120	30
07	Assentamento Monte Santo I	68	17
08	Assentamento Santa Maria	88	22
09	Assentamento Santa Rita	232	58
10	Assentamento João Pedro Teixeira	868	217
11	Assentamento Nova Vida	80	20
12	Assentamento 12 de Março (Gualté)	232	58
13	Colônia Agrícola Alto da Bela Vista (Umburana)	136	34
14	Colônia Agrícola Eldorado dos Carajás	188	47
15	Colônia Agrícola Sebastião Enéas	44	11
16	Colônia Agrícola 09 de Junho	228	57
17	Colônia Agrícola Karl Marx	232	58
18	Colônia Agrícola Emília Maria	92	23
19	Colônia Agrícola Ana Patrícia	68	17
20	Colônia Agrícola Manoel Dionísio Crus (Quixabeira)	480	120
21	Colônia Agrícola Antônio Conselheiro	184	46
22	Colônia Agrícola Valmir Mota Kênio	160	40
23	Colônia Agrícola José Nogueira	64	16
24	Colônia Agrícola Adão Preto	376	94
25	Colônia Agrícola Morro da Barriguda	156	39
26	Colônia Agrícola Manoel Ricardo (Japão)	180	45
27	Colônia Agrícola Augusto Bezerra	176	44
28	Comunidade Poço da Quixabeira	12	03
29	Comunidade Poço Verde	44	11
30	Comunidade Cana Brava	65	18
31	Comunidade Morrinhos	28	07
32	Comunidade Lagoa do Serrote	40	10
33	Comunidade Serra Grande I	16	04
34	Comunidade Serra Grande II	60	15
35	Comunidade Baixa Verde	48	12
36	Comunidade Pedra de Amolar	44	11
37	Comunidade Olho D'água	40	10
38	Comunidade Barra de Cima	55	20
39	Comunidade Brejo	60	12
40	Comunidade Lagoa do Frio	150	30
41	Comunidade Cachinho	38	12
42	Comunidade Umburaninha	45	10
43	Comunidade Araticum	52	17
44	Comunidade Colônia Santa Rita	75	15
45	Comunidade Pedra D'água	40	08
46	Comunidade Picos	35	08

47	Comunidade Pedra Vermelha	25	05
48	Comunidade Monte Pedral	36	09
49	Comunidade Volta	16	05
50	Comunidade Lagoa do Mulungu	32	08
51	Comunidade Rua da Palha	80	20
52	Comunidade Mingu I	40	10
53	Comunidade Mingu II	45	12
54	Comunidade Faixa (Região Leste)	120	30
55	Comunidade Faixa (Região Oeste)	47	14
56	Comunidade Paturi	120	30
57	Comunidade Consulta	56	14
58	Comunidade Lagoa Comprida	20	08
59	Comunidade Risada	10	03
60	Comunidade Surrão	41	12
61	Comunidade Serrote da Rosa	20	05
62	Comunidade Barra de Baixo	80	20
63	Comunidade Boqueirão	28	07
64	Comunidade Pelado I	190	40
65	Comunidade Pelado II	93	22
66	Comunidade Butijo	25	07
67	Comunidade Caqueiro I	130	30
68	Comunidade Caqueiro II	145	36
69	Comunidade Baixa da Areia	60	15
70	Comunidade Recanto	56	14
71	Comunidade Chiquito	40	10
72	Comunidade Salinas I	55	20
73	Comunidade Salinas II	140	35
74	Comunidade Maringá	10	02
75	Comunidade Lagoa do Boi	18	06
76	Comunidade Jaburú	16	04
77	Comunidade Sempre Viva	36	09
78	Projeto de Assentamento Fazenda Petrolina	25	09
	TOTAL ⇨	9.050	2.466

Fonte: Secretaria Municipal da Agricultura, Água e Meio Ambiente de Canindé-SE.

Na lista de nomes constam 78 comunidades rurais de Canindé de São Francisco, a qual apresenta comunidades com homônimos toponímicos, com a marcação de numeração *I* e *II*, para identificá-los como lugares distintos. Além disso, dois nomes não puderam ser classificados, pois não obtemos informações suficientes, são eles *Modelo* e *Surrão*. Dessa forma, tendo em vista a repetição de nomes e a falta de informação de alguns, temos, ao todo, 70 topônimos classificados, totalizando 70 fichas toponímicas.

Para o roteiro do questionário que compôs as entrevistas semidirigidas, consideramos o preenchimento dos campos a seguir.

Quadro 2 - Roteiro para entrevista semidirigidas sobre topônimos da zona rural de Canindé de São Francisco-SE

Nome:
Idade:
Gênero:
Quanto tempo vive na comunidade rural?

O que conhece sobre a história do lugar e o nome atual?
Essa comunidade já teve outro nome? Se sim, qual/quais?
Quais motivos levaram a essa outra nomeação? (quando houver)
Dentre as comunidades rurais de Canindé, o entrevistado conhece alguma outra história de outra comunidade?

Fonte: Adaptada de Aragão (2017).

Assim, buscamos do entrevistado seu nome, idade, gênero e tempo de habitação; a história do lugar e do topônimo atual e a toponímia anterior (se houve mudança do topônimo antes quando se comparando ao atual). Ao todo, tivemos apenas sete entrevistados, pela falta de disponibilidade de outras pessoas possíveis para passarem informações. Depois de coletadas as informações dos entrevistados, com predominância de pessoas com idade avançada, entre 40 e 70 anos, podemos salientar a importância de que deve haver residentes com idade experiente para a obtenção de informações seguras e verdadeiras, quando comparadas com pessoas que têm idade inferior. Se tratando do gênero, a maioria é do sexo masculino. Com relação ao tempo de habitação, boa parte reside entre 20 e 30 anos. Ao final, constatamos que apenas quatro pessoas souberam trazer informações relevantes de várias localidades, não supriram todas as necessidades, mas foram caminhos para sabermos as possíveis motivações toponímicas.

É importante mencionar que houve muitas dificuldades para ir até as localidades, pela distância e acesso ruim, e ao chegar nos locais, a ausência de moradores dificultou significativamente a obtenção dos dados ou mesmo a indisponibilidade e a falta de informação a respeito do que buscávamos saber. Assim, após várias tentativas indo a pessoas que trabalham na Prefeitura local e que podiam ajudar na entrega de contatos para a obtenção dos dados, buscamos entrevistar aqueles que conseguimos via *WhatsApp*, e por meio de áudios as pessoas informaram sobre o que sabiam¹.

¹ Como forma de agradecimento, registramos dois principais nomes publicamente e com permissão, que nos ajudaram significativamente na busca dos dados, são eles C. B. S., de 42 anos, residente da Colônia Agrícola 9 de Junho, que nos levou ao J. A. S., de 65 anos, da Comunidade Pelado I, o qual foi importante com informações enciclopédicas a respeito de quase todas as comunidades rurais.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, trataremos da descrição e análise dos dados dos topônimos canindeenses, das suas comunidades rurais, considerando além dos aspectos linguísticos, breves alusões aos aspectos históricos e culturais do lugar. Os topônimos selecionados são classificados de acordo com os critérios já mencionados anteriormente e brevemente explicados aqui na presente seção, com exceção do próprio topônimo *Canindé de São Francisco* e de *Curituba* (atual povoado da cidade), pois precede os demais, com a sua análise já realizada na seção anterior.

No processo de formação do topônimo, este poderá receber algumas influências de fatores intralinguísticos e extralinguísticos. A respeito desses fatores que acabam influenciando na seleção de um topônimo escolhido para determinado lugar, Dick (1990a) fala que, ao designar o nome próprio de um lugar, o topônimo acaba por se unir ao acidente geográfico ao qual ele nomeia, e, desta forma, estabelece um conjunto ou uma relação binômica, já que os seus termos formadores podem ser separados, com o intuito de diferenciá-los. Segundo Dick,

Dessa simbiose, depreendem-se dois dados básicos, um que se convencionou denominar, termo ou elemento genérico, relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação, e o outro, o elemento ou termo específico, ou topônimo propriamente dito, que particularizará a noção espacial, identificando-a e singularizando-a dentre outras semelhantes (DICK, 1990a, p.10).

Neste sentido, o sintagma toponímico é composto por dois principais elementos formadores. Um, fala sobre o termo genérico, referente ao acidente geográfico, o outro, trata-se do termo específico, ou seja, o topônimo em si, sendo este o que irá fazer a particularização do espaço físico que estará em questão, podendo atribuir a este as características necessárias para fazer com que ele seja singular em relação a outros já existentes. Dos termos genéricos desta pesquisa estão *Comunidade*, *Assentamento* e *Colônia Agrícola*. Iniciando com o termo *Comunidade* que, por sua vez, tem origem no termo latim *communitas*, Bechara (2011) nos diz que o conceito refere-se à qualidade daquilo que é comum, pelo que permite definir distintos tipos de conjuntos: das pessoas que fazem parte de uma população, de uma região ou nação; das nações que se encontram unidas por acordos políticos e econômicos (como a Comunidade Europeia ou o Mercosul/Mercado Comum do Sul); ou de pessoas vinculadas por interesses comuns (como é o caso da comunidade católica). Pode-se dizer, portanto, que uma comunidade é um grupo de seres humanos que partilham elementos em comum, como o idioma, os costumes, a localização geográfica, a visão do mundo ou os valores, por exemplo.

No seio de uma comunidade, é hábito criar-se uma identidade comum mediante a diferenciação de outro(a)s grupos ou comunidades.

Em se tratando do genérico *Assentamento*, temos que a implantação deste estimula transformações na localidade de sua instalação, diante de uma ocupação de caráter diferente do espaço rural. Santos (2006) afirma que é um espaço criado geralmente em propriedade considerada improdutiva e mantida por seu proprietário como uma reserva de valor. Assim, o *assentamento* se estabelece como expressão de luta por terras, acontecimentos que fazem surgir casas, cercas, plantações e equipamentos coletivos, como escolas, creches, posto de saúde etc., dando dessa forma origem a uma nova produção de espaço, estabelecendo-se uma nova configuração territorial. Alencar (2000) nos diz que:

[...] é um lugar da produção, da distribuição, da circulação e do consumo. Noutras palavras, trata-se de uma área que é uma fração da sociedade e que detém uma forma particular de produção. Entretanto essa área existe como espaço porque é ocupada pelo homem em ação. É o espaço em que o homem se objetiva pelo trabalho.

O genérico *Colônia Agrícola* está na Legislação - Decreto-Lei N° 3.059, de 14 de fevereiro de 1941, como

“Art. 1º Alem dos núcleos coloniais a que se refere o decreto-lei nº 2.009, de 9 de fevereiro de 1940, o Governo Federal, em colaboração com os Governos estaduais e municipais e todos os órgãos da administração pública federal e por intermédio do Ministério da Agricultura, promoverá a fundação e instalação de grandes Colônias Agrícolas Nacionais, as quais serão destinadas a receber e fixar, como proprietários rurais, cidadãos brasileiros reconhecidamente pobres que revelem aptidão para os trabalhos agrícolas e, excepcionalmente, agricultores qualificados estrangeiros”. (Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3059-14-fevereiro-1941-413001-publicacaooriginal-1-pe.html>)

Ainda segundo um dos nossos entrevistados (Cícero Bento da Silva), que é de uma das localidades consideradas colônias agrícolas (*9 de Junho*), a nomeação genérica se dá pelo fato de que, naquele período de formação do espaço, era para ser feito assentamento, porém o Governo Federal justificou que não havia recurso suficiente para que as fazendas fossem negociadas e torná-las assentamentos. Assim, foi feito um convênio com o Governo do Estado e, dentro deste convênio, há 50% (cinquenta por cento) do Governo Estadual e 50% (cinquenta por cento) do Governo Federal, não podendo ser assentamento de Reforma Agrária, tonando-se colônia agrícola.

4.1 NATUREZA SEMÂNTICA DOS TOPÔNIMOS

Ao falar em topônimo, entende-se que este é um nome próprio que é um enunciado linguístico essencialmente motivado, seja já parte do léxico comum de uma língua natural ou

não. Como visto, então, uma das principais funções do denominador está ligada aos motivos os quais levaram o falante a escolher um nome para designar um lugar dentre diversas possibilidades semânticas existentes. Conforme afirma Dick (1990, p. 18), à "própria origem semântica da denominação, no significado que revela", então, na própria origem semântica estará a natureza do produto da escolha do signo toponímico [...] o signo linguístico em função toponímica representa uma projeção aproximada do real, tornando clara a natureza semântica (ou transparência) de seu significado" (DICK, 1990, p. 18). A partir da motivação toponímica poderá se conhecer e até mesmo, em muitos casos, resgatar importantes informações do lugar, o que faz dos topônimos "verdadeiros testemunhos históricos" de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato de nomeação (DICK, 1990a, p. 21-22).

Para a classificação dos elementos específicos, temos as taxes que apresentam funções hiperonímicas que nos dizem sobre um determinado grupo ou realidade em dois aspectos: físico e antropocultural.

A classificação se deu considerando também a formação do topônimo, pensando o(s) elemento(s) específico(s), ou seja, o(s) topônimo(s) propriamente dito(s), como i) simples, ii) composta e iii) híbrida: i) constituída por um só radical, podendo haver hibridismo por derivação com bases de origens diferentes, como tupi e português; ii) constituída por dois radicais, podendo também haver hibridismo, como, por exemplo, em *Canindé de São Francisco*, com estrutura tupi + portuguesa; constituída por elementos de origem de duas ou mais línguas, ou seja, com origens diversas.

Dessa forma, tivemos à disposição 78 nomes de comunidades rurais da região de Canindé, o que nos permitiu retirar as informações necessárias (os próprios topônimos), contudo classificamos e analisamos 70 topônimos, com exceção dos topônimos *Curituba* e *Canindé de São Francisco*, pois já foram anteriormente destrinchados através da ficha toponímica de Santos (2019) e não constam na lista do documento. É importante ressaltar que os dois povoados de Canindé (Capim Grosso e Curituba) não foram incluídos na lista do documento disposto e que o topônimo Curituba somente foi citado por já ter sido nomeação do município.

Feita a classificação conforme o modelo de Dick (1990), podendo observar na Tabela a seguir:

Tabela 2 - Distribuição percentual das taxes toponímicas no *corpus*

TAXONOMIA TOPONÍMICA	QUANTIDADE (PERCENTUAL)
Antropotopônimos	14 (20%)
Geomorfotopônimos	14 (20%)
Hidrotopônimos	11 (16%)
Fitotopônimos	5 (7%)
Zootopônimos	3 (4%)
Poliotopônimos	3 (4%)
Cardinotopônimos	2 (3%)
Corotopônimos	3 (4%)
Ergotopônimos	2 (3%)
Hagiotopônimos	2 (3%)
Historiotopônimos	2 (3%)
Litotopônimos	2 (3%)
Animotopônimo	1 (1%)
Cronotopônimo	1 (1%)
Dimensiotopônimo	1 (1%)
Dirrematopônimo	1 (1%)
Ecotopônimo	1 (1%)
Sociotopônimo	1 (1%)
Somatopônimo	1 (1%)

Fonte: Dados de pesquisa.

No *corpus* que compõe a microtoponímia de Canindé, não foram identificadas as taxes de natureza física *astrotopônimo*, *cromotopônimo*, *meteorotopônimo*, *morfotopônimo*; e de natureza antropocultural: *axiotopônimo*, *etnotopônimo*, *mitotopônimo*, *hodotopônimo*.

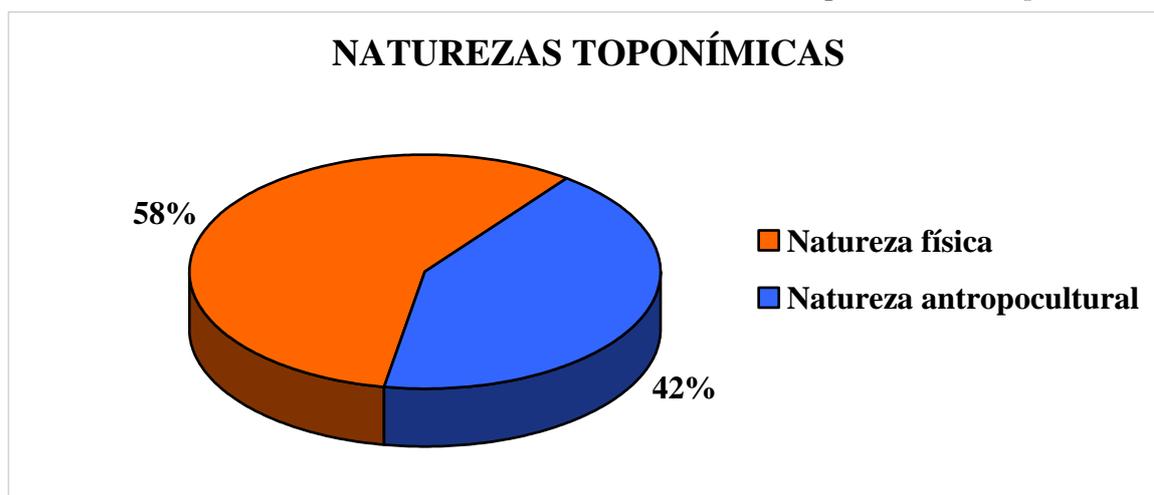
Apenas seis dos denominativos possuem topônimos paralelos, os quais quatro deles (*Umburana*, *Quixabeira*, *Japão*, *Canadá*) têm uma possível motivação clara e os outros dois (*Oroco* e *Gualté*) não conseguimos identificá-los por falta de informações. Vimos também que seis topônimos têm nomes idênticos diferenciando-os apenas com os designativos *I* e *II*, são eles *Salinas*, *Monte Santo*, *Caqueiro*, *Pelado*, *Mingu*, *Serra Grande*.

Pela classificação de Dick (1990), dentre os topônimos selecionados temos 50 (cinquenta) denominativos compostos, alguns com hibridismo na formação, como em *Lagoa do Mulungu* que é um hidrotopônimo (*Lagoa*: hidrotopônimo de origem portuguesa; *do*: preposição *de* + artigo *o*; *Mulungu*: planta com nome de origem tupi).

Portanto, tomada como base dos estudos a hipótese de que o *corpus* tende a apresentar uma influência maior de elementos físicos e naturais da região, após a classificação, pudemos comprovar que os topônimos realmente têm em sua maioria geomorfotopônimos (14 deles são “[...] relativos as formas topográficas, depressões do terreno, formações litorâneas”, DICK, 1992, p. 31), hidrotopônimos (11 deles são “[...] topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral”, DICK, 1992, p. 31) e fitotopônimos (cinco deles são “[...] topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade, em conjuntos da mesma espécie ou de espécies diferentes”, DICK, 1992, p. 31). Por outro lado, os antropotopônimos mostram uma incidência relevante também, e mesmo havendo uma quantidade um pouco maior de topônimos de natureza física, é possível identificarmos que existe um equilíbrio entre os dados. Assim, ficamos com o total de 38 topônimos de natureza física e 32 de natureza antropocultural.

A predominância dessas três primeiras motivações realça a importância que o relevo, a rede hidrográfica e a vegetação exerceram sobre a formação dessas comunidades rurais, pois o que se explica é que a tendência natural do homem, ao se apropriar de uma área que ainda não foi explorada, é garantir meios naturais para a sua sobrevivência, tendo em vista a proximidade de lagos, córregos, rios, riachos, além do solo apropriado e o posicionamento geográfico para possíveis plantações.

Gráfico 1 - Ocorrências das naturezas semânticas dos topônimos do *corpus*



Fonte: Dados de pesquisa.

Dentro dos topônimos de natureza física, notou-se que a geomorfologia local se sobressai quando se trata da motivação toponímica, sendo eles os geomorfotopônimos. Na lista de registro das comunidades rurais, encontramos topônimos como *Salinas*, *Serra*

Grande, Monte Santo, Morrinhos, Pelado, Baixa da Areia, Barra de Baixo, etc. Esses topônimos têm relação direta com a formação geológica da localidade/região, pelo fato do território de Canindé de São Francisco se encontrar entre montes, serras, morros, numa parte alta e baixa, o que é demonstrado através da existência do rio São Francisco e outros afluentes.

A segunda motivação a se destacar é a hídrica, em que existem muitos topônimos de taxa hidrotópônimo, como *Lagoa Comprida, Poço Verde, Lagoa do Boi, Boqueirão, Poço da Quixabeira, Olho D'água*, etc. A percepção em relação às escolhas dos nomes em questão é justificada devido à maciça presença da produção natural de água nas diversas localidades da região estudada, devido à presença marcante do rio São Francisco.

A terceira motivação predominante parte da flora, pois os tipos de plantas mencionadas nas denominações são típicos da Caatinga, vegetação encontrada na região Nordeste e arredores do Velho Chico. São eles os topônimos dessa motivação: *Umburaninha, Araticum, Mingu, Cana Brava, Mandacaru*. Aqui nós vemos claramente a influência do Tupi nos lexemas.

Constatamos também a existência de algumas outras importantes taxonomias de natureza física, como os litotopônimos *Pedra de Amolar* e *Pedra Vermelha* em que as motivações relacionam-se diretamente com minerais produzidos nessas comunidades, o primeiro é usado pelas pessoas para amolar seus objetos cortantes, e o segundo faz parte da formação natural de pedras de cor predominantemente viva, avermelhada; os cardinotopônimos *Faixa/Leste* e *Faixa/Oeste* foram escolhidos através dos pontos cardeais com a finalidade de melhor localizar cada ponto, cada comunidade (detalhes em Quadro 3); os zootopônimos *Paturi* e *Jaburú* com motivações, obviamente, de origem animal – dois tipos de aves normalmente encontradas em lagos, rios, que aparecem na região em uma determinada época do ano, e o dimensiotópônimo *Volta* em que a escolha possui relação com as características dimensionais da formação do acidente geográfico.

A seguir, a apresentação da análise detalhada de cada topônimo pesquisado, de acordo com a organização mostrada anteriormente da sequência de topônimos de natureza física e, em seguida, de natureza antropocultural, tendo como base o modelo de classificação de Dick (1990), os dicionários etimológicos de Bechara (2011), Sampaio (1901), Cunha (1998) e enciclopédias virtuais.

Quadro 3 – Taxionomias de natureza física

N.	TOPÔNIMO OFICIAL ATUAL + ELEMENTO GENÉRICO	ANÁLISE MORFOSSEMÂNTICA	INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS / DADOS ORAIS	TAXIONOMIA	TOPÔNIMO PARALELO
1	Jacaré-Curituba (Assentamento)	<p>Jacaré- sm. Grande réptil, da mesma família dos crocodilos, que vive em rios, pântanos e lagoas. (BECHARA, 2011, p. 753)</p> <p>Curituba- V. curityba. Pinhal, mata de pinheiros, pinhões em abundância. (SAMPAIO, 1901, p. 123)</p> <p>O topônimo é composto, por possuir dois elementos específicos, sendo ambos de origem tupi. Está relacionado à taxa zootopônimo de natureza física, “[...] topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos, não domésticos e da mesma espécie em grupos” (DICK, 1990).</p>	<p>Jacaré-Curituba se dá pelo projeto de adutoras existentes na região de Canindé de São Francisco, em que a irrigação rural está localizada entre o povoado Curituba e o assentamento Alto Bonito do município de Poço Redondo (vizinho a Canindé). Jacaré é o nome dado ao riacho localizado nesse assentamento. Curituba é o nome dado ao rio/riacho localizado no atual povoado de Curituba. Os dois meios hídricos são as motivações pelas quais existe o projeto entre as duas localidades, portanto é também a motivação do nome composto <i>Jacaré-Curituba</i>. (Fonte: dados de pesquisa de campo).</p>	Zootopônimo	Canadá
2	Mandacaru (Assentamento)	<p>Mandacaru- sm. (Bot.) certo tipo de cacto de grande porte, típico da caatinga. (BECHARA, 2011, p. 816)</p> <p>Topônimo simples por apresentar apenas um formante sendo este de origem tupi, da taxa fitotopônimo de natureza física, são aqueles “[...] topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade, em conjuntos da mesma espécie ou de espécies diferentes” (DICK, 1990).</p>	<p>Mandacaru é um nome originário do Tupi e significa algo como “muitos espinhos perigosos”, o que é característica da planta. É uma planta arborecente da família cactaceae (<i>Cereus Jamacaru</i>) e nativa da caatinga. É espinhenta, contudo produz uma flor branca e bem delicada, que desabrocha durante a noite e murcha ao amanhecer. (Fonte: Agro 2.0. Disponível em: https://agro20.com.br/mandacaru/. Acesso em: 28 nov. 2022, 23h15min).</p>	Fitotopônimo	N/E
3	Monte Santo (Assentamento)	<p>Monte- sm. (Geogr.) Grande elevação de terra ou de rocha acima do solo que a circunda; serra, morro. (BECHARA, 2011, p. 877)</p> <p>Santo- adj. Que se baseia em princípios religiosos: gesto santo. Que é divino; sagrado: manto santo. Que é bondoso; generoso: alma santa. Pessoa canonizada; são. (BECHARA, 2011, p. 1159)</p> <p>Topônimo composto por dois elementos específicos de origem portuguesa, com taxa geomorfotopônimo de natureza física, “[...] topônimos relativos as formas topográficas, depressões do terreno, formações litorâneas” (DICK, 1990).</p>	<p>Monte Santo está relacionado ao relevo local e à crença religiosa das pessoas desse Assentamento. (Fonte: dados de pesquisa de campo).</p>	Geomorfotopônimo	N/E
4	Monte Santo I (Assentamento)	<p>Monte- sm. (Geogr.) Grande elevação de terra ou de rocha acima do solo que a circunda; serra, morro. (BECHARA, 2011, p. 877)</p> <p>Santo I- adj. Que se baseia em princípios religiosos: gesto santo. Que é divino; sagrado: manto santo. Que é bondoso; generoso: alma santa. Pessoa canonizada; são. (BECHARA, 2011, p. 1159)</p> <p>Topônimo composto por dois elementos específicos de origem portuguesa, com taxa geomorfotopônimo de natureza física, “[...] topônimos relativos as formas topográficas, depressões do</p>	<p>Monte Santo I está relacionado ao relevo local e à crença religiosa das pessoas desse Assentamento. (Fonte: dados de pesquisa de campo).</p>	Geomorfotopônimo	N/E

		terreno, formações litorâneas” (DICK, 1990).			
5	Alto da Bela Vista (Colônia Agrícola)	Alto- adj. Que tem maior extensão vertical que a média. Que está a grande distância no espaço em relação ao solo ou outra superfície tomada como referência. O ponto mais elevado de uma coisa. (BECHARA, 2011, p. 127) Da- Preposição <i>de</i> + artigo <i>a</i> . Bela- adj (feminino de belo). Que tem formas perfeitas e harmoniosas. Que produz uma impressão agradável ou prazerosa. (BECHARA, 2011, p. 205) Vista- sf. Sentido da visão. O órgão visual; os olhos. Aquilo que se vê. (BECHARA, 2011, p. 1296) Topônimo composto por três elementos específicos em sua formação com origem portuguesa, classificado como geomorfotopônimo de natureza física, “[...] topônimos relativos as formas topográficas, depressões do terreno, formações litorâneas” (DICK, 1990).	Alto da Bela Vista se encontra em um alto, um monte, em que proporciona uma vista (imagem) ampla da região da comunidade, por isso se deu essa nomeação. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Geomorfotopônimo	Umburana
6	Morro da Barriguda (Colônia Agrícola)	Morro- sm. (Geogr.) Monte de pequena elevação e de suave declive; colina, outeiro. (BECHARA, 2011, p. 880) Da- preposição <i>de</i> + artigo <i>a</i> . Barriguda- adjetivo feminino de barrigudo. Que tem barriga grande; pançudo (s.m). Pessoa barriguda. (BECHARA, 2011, p. 199). Sf- nome dado a vários tipos de árvores bombacáceas. Topônimo composto por dois elementos específicos de origem portuguesa, com taxa geomorfotopônimo de natureza física, “[...] topônimos relativos as formas topográficas, depressões do terreno, formações litorâneas” (DICK, 1990).	O Morro da Barriguda foi nomeado dessa forma, porque na comunidade rural existiam e ainda existem muitas barrigudas, que é uma árvore típica da caatinga. É uma planta pertencente à família dos Baobás dos Embarés, nativas na Croácia, Turquia e Madagascar. Ela é muito resistente à seca por conseguir depositar em sua “barriga” uma determinada quantidade de água. (Fonte: dados de pesquisa de campo e Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco. Disponível em: https://cbhsaofrancisco.org.br/noticias/natureza_blog/barriguda-uma-arvore-tipica-da-caatinga-do-sao-francisco/ . Acesso em: 28 nov. 2022, 22h46min).	Geomorfotopônimo	N/E
7	Poço da Quixabeira (Comunidade)	Poço- sm. Cova funda aberta na terra para chegar à água do lençol freático. Qualquer buraco profundo. O ponto de maior profundidade num rio ou lago. Abertura feita para exploração de recursos minerais. (BECHARA, 2011, p. 998) Da- preposição <i>de</i> + artigo <i>a</i> . Quixabeira- sf. [< quixab(a) + -eira]. Planta da família das sapotáceas. (CUNHA, 1998, p. 250) Topônimo composto por dois elementos com hibridismo, em que há o elemento linguístico <i>Poço</i> de origem portuguesa e <i>Quixabeira</i> de origem tupi, com taxa hidrotopônimo de natureza física, aqueles “[...] topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral” (DICK, 1990).	A comunidade é nomeada por Poço da Quixabeira, pois a localidade possui naturalmente a planta quixabeira nos seus arredores com poços/barragens de água. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Hidrotopônimo	N/E

8	Poço Verde (Comunidade)	<p>Poço- sm. Cova funda aberta na terra para chegar à água do lençol freático. Qualquer buraco profundo. O ponto de maior profundidade num rio ou lago. Abertura feita para exploração de recursos minerais. (BECHARA, 2011, p. 998)</p> <p>Verde- adj. Da cor da erva e das folhas das árvores. A cor secundária resultante da combinação do azul com o amarelo. (BECHARA, 2011, p. 1282)</p> <p>Topônimo composto por dois elementos linguísticos específicos de origem portuguesa, a taxa hidrotópônimo de natureza física, aqueles “[...] topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral” (DICK, 1990).</p>	Poço Verde tem esse nome, que veio da antiga fazenda. Sua motivação é o Rio Poço, um dos afluentes do Velho Chico, onde fica localizado o ponto turístico <i>Vale dos Mestres</i> . Poço Verde é tanto pelas águas como pela vegetação nos arredores que é tudo verde. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Hidrotópônimo	N/E
9	Cana Brava (Comunidade)	<p>Cana Brava- (Bot) sf. Cana-brava, ubá, cana-ubá, parimá, ariná, eguará, eraí, flecha, cana-flecha, flechade-urubu, cana-do-rio, canarana, canarana-flecha, cana-amarga, capim-uva, cana-selvagem. É uma planta cespitosa de espécie <i>Gynerium sagittatum</i> da família Poaceae. (CORADIN, SIMINSKI e REIS, 2011, p. 266)</p> <p>Topônimo composto por elementos linguísticos específicos de origem tupi, taxa fitotópônimo de natureza física, “[...] topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade, em conjuntos da mesma espécie ou de espécies diferentes” (DICK, 1990).</p>	<p>Cana Brava é uma planta de espécie <i>Gynerium sagittatum</i>, é nativa das Américas e tem ocorrências em todo o território brasileiro, com exceção do estado do Rio Grande do Sul. (FERREIRA, RUSCHEL e MORAES, 2011)</p> <p>Assim, o motivo pelo qual os moradores escolheram para a comunidade foi justamente pela maciça presença dessa espécie de planta na região. (Fonte: dados de pesquisa de campo).</p>	Fitotópônimo	N/E
10	Morrinhos (Comunidade)	<p>Morrinhos- sm. (Geogr.) Conjunto de morros pequenos, relativo a morro: Monte de pequena elevação e de suave declive; colina, outeiro. (BECHARA, 2011, p. 880)</p> <p>Topônimo de formação simples com origem portuguesa, referente a taxa geomorfotópônimo, “[...] topônimos relativos as formas topográficas, depressões do terreno, formações litorâneas” (DICK, 1990).</p>	Morrinhos está relacionado ao relevo local, pois a região apresenta em sua formação natural uma serra pequena, mais conhecida como serrote. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Geomorfotópônimo	N/E
11	Lagoa do Serrote (Comunidade)	<p>Lagoa- sf. Lago de pequena extensão e profundidade. Lago que se comunica com o mar ou com outras massas de água. (BECHARA, 2011, p. 768)</p> <p>Do- preposição <i>de</i> + artigo <i>o</i>.</p> <p>Serrote- sm. Ferramenta manual usada para cortar objetos, constituída por uma serra curta acoplada a um cabo. (BECHARA, 2011, p. 1176)</p> <p>Topônimo composto por dois elementos específicos de origem portuguesa, classificado na taxa hidrotópônimo de natureza física, “[...] topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em</p>	Lagoa do Serrote tem relação com a produção natural de água em vários olhos d’águas numa área com pequenas elevações chamadas de serrote devido ao relevo local, em que propicia a produção de água, própria para o consumo dos moradores. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Hidrotópônimo	N/E

		geral” (DICK, 1990).			
12	Serra Grande I (Comunidade)	Serra- sf. Cadeia de montanhas ou montes. (BECHARA, 2011, p. 1176) Grande I- adj. De dimensão considerável; vasto, extenso. De proporção ou quantidade acima da média. Comprido, longo, extenso. (BECHARA, 2011, p. 646) Topônimo composto por dois elementos específicos de origem portuguesa, com taxa geomorfotopônimo de natureza física, “[...] topônimos relativos as formas topográficas, depressões do terreno, formações litorâneas” (DICK, 1990).	Serra Grande está relacionada ao relevo local, pela região ser tipicamente formada por serras, montes, picos. (Fonte: dados de pesquisa de campo)	Geomorfotopônimo	N/E
13	Serra Grande II (Comunidade)	Serra- sf. Cadeia de montanhas ou montes. (BECHARA, 2011, p. 1176) Grande II- adj. De dimensão considerável; vasto, extenso. De proporção ou quantidade acima da média. Comprido, longo, extenso. (BECHARA, 2011, p. 646) Topônimo composto por dois elementos específicos de origem portuguesa, com taxa geomorfotopônimo de natureza física, “[...] topônimos relativos as formas topográficas, depressões do terreno, formações litorâneas” (DICK, 1990).	Serra Grande está relacionada ao relevo local, pela região ser tipicamente formada por serras, montes, picos. (Fonte: dados de pesquisa de campo)	Geomorfotopônimo	N/E
14	Baixa Verde (Comunidade)	Baixa- sf. Abaixamento, diminuição em altura. Depressão do terreno. (BECHARA, 2011, p. 189) Verde- adj. Da cor da erva e das folhas das árvores. A cor secundária resultante da combinação do azul com o amarelo. (BECHARA, 2011, p. 1282) Topônimo composto por elementos específicos de origem portuguesa, de taxa geomorfotopônimo de natureza física, “[...] topônimos relativos as formas topográficas, depressões do terreno, formações litorâneas” (DICK, 1990).	Baixa Verde se encontra numa baixa, em que se relaciona com a formação geológica da localidade e proximidade com o rio, assim como o verde que se relaciona com a vegetação encontrada nos arredores do rio. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Geomorfotopônimo	N/E
15	Pedra de Amolar (Comunidade)	Pedra- sf. Mineral sólido e duro da natureza das rochas. Qualquer pedaço de rocha. Mineral precioso ou semiprecioso usado em joalheria. (BECHARA, 2011, p. 965) De- preposição. Amolar- v. Afiar (objeto cortante). (BECHARA, 2011, p. 134) Topônimo composto com origem portuguesa, de taxa litotopônimo de natureza física, “[...] topônimos de índole mineral, relativos também a constituição do solo” (DICK, 1990).	O nome Pedra de Amolar está relacionado às pedras que amolam utensílios como faca, facões, entre outros materiais cortantes. A comunidade tem esse nome, por haver muitas pedras como essa e sua enorme comercialização. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Litotopônimo	N/E
16	Olho D’água (Comunidade)	Olho- sm. (Anat) Órgão exterior da visão, de número par e forma globular, localizado em órbitas ósseas na parte anterior do crânio. (BECHARA, 2011, p. 920)	O nome Olho D’água se deve ao fato de, na comunidade, existirem fontes de água natural. Olho D’água é o afloramento natural do lençol freático. (Fonte: Sinergia Engenharia de Meio Ambiente.	Hidrotopônimo	N/E

		De + a- <i>d'á</i> - preposição com sentido de totalidade, plenitude. Água- sf. Líquido incolor, inodoro e insípido, composto de dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio. (BECHARA, 2011, p. 114) Topônimo composto por dois elementos linguísticos específicos de origem portuguesa, com taxa hidrotópônimo de natureza física, “[...] topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral” (DICK, 1990).	Disponível em: https://sinergiaengenharia.com.br/noticias/nascentes-e-olhos-dagua-o-que-sao-e-porque-sao-tao-importantes/ . Acesso em: 29 nov. 2022, 20h13min).		
17	Barra de Cima (Comunidade)	Barra- sf. (Geogr.) local (mar, lago) em que um rio deságua; foz, desembocadura. (BECHARA, 2011, p. 198) De- preposição. Cima- sf. Cume, extremidade superior de objeto elevado. (BECHARA, 2011, p. 306) Topônimo composto por dois elementos linguísticos de origem portuguesa, com taxa geomorfotópônimo de natureza física, “[...] topônimos relativos as formas topográficas, depressões do terreno, formações litorâneas” (DICK, 1990).	A Barra de Cima está numa localidade de elevação, de ponto alto, e está relacionada à geomorfologia local, onde há uma barreira que é um riacho entre Canindé-SE e Santa Brígida-BA. A barra é uma formação geológica que ocorre nas desembocaduras de canais, estreitos, rios e outros cursos de água. (Fonte: Um Milhão de Metros. Disponível em: http://ummilhaodemetros.blogspot.com/2014/07/entendendo-as-coisas-foz-delta-estuario.html . Acesso em: 28 nov. 2022, 21h13min).	Geomorfotópônimo	N/E
18	Brejo (Comunidade)	Brejo- sm. Terreno alagadiço; pântano. Lugar baixo onde há nascentes, cacimbas. (BECHARA, 2011, p. 231) Classificamos como um topônimo simples de origem céltica com influência fonética do árabe, por haver apenas um elemento específico. Taxa hidrotópônimo de natureza física, “[...] topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral” (DICK, 1990).	Brejo está para um terreno geralmente fértil, onde os rios se conservam mais ou são mais permanentes. Pela região possuir uma produção natural de água, olho/grota d'água, a comunidade passou a chamar-se dessa forma. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Hidrotópônimo	N/E
19	Lagoa do Frio (Comunidade)	Lagoa- sf. Lago de pequena extensão e profundidade. Lago que se comunica com o mar ou com outras massas de água. (BECHARA, 2011, p. 768) Do- preposição <i>de</i> + artigo <i>o</i> . Frio- adj. Que está ou que tem a temperatura baixa. Sensação produzida pela baixa temperatura. (BECHARA, 2011, p. 609) Topônimo com formação composta por dois elementos específicos de origem portuguesa, taxa hidrotópônimo de natureza física, “[...] topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral” (DICK, 1990).	A Lagoa do Frio é nomeada dessa forma, porque a região da comunidade é conhecida como uma localidade de temperaturas baixas quando comparadas com a temperatura normal da região de Canindé de São Francisco. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Hidrotópônimo	N/E
20	Umburaninha (Comunidade)	Umburaninha- sf. (Bot.) diminutivo de Umburana. Emburana, imburana, umburana [< T. 'imu'rana< i'um'imbu' + 'rana 'semenlhante'. Planta da família das burseráceas. (CUNHA, 1998, p. 153)	Umburaninha/umburana/imburana é uma planta muito popular da Caatinga, está presente na cultura, remédios e utensílios do povo sertanejo. Tem nome científico <i>Commiphora leptophloeos</i> e pertence à família Burseraceae. (Fonte: Universidade Federal Rural do Semiárido. Disponível em:	Fitotópônimo	N/E

		Topônimo simples por haver apenas um elemento específico e de origem tupi, taxa fitotopônimo de natureza física, “[...] topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade, em conjuntos da mesma espécie ou de espécies diferentes” (DICK, 1990).	https://projetoCaatinga.ufersa.edu.br/imburana/ . Acesso em: 28 nov. 2022, 23h47min).		
21	Araticum (Comunidade)	Araticum- sm. Araticú, araticu, aratecu, areticu, areticú, areticum, ariticum, araticum, araticum [< T. arati”ku]. Nome comum a diversas plantas da família das anonáceas e aos seus frutos. (CUNHA, 1998, p. 64) Topônimo simples de origem tupi, taxa fitotopônimo de natureza física, “[...] topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade, em conjuntos da mesma espécie ou de espécies diferentes” (DICK, 1990).	Araticum é uma planta com nome científico <i>Annona crassiflora</i> , pertencente à família Annonaceae. É uma fruta nativa do cerrado brasileiro, popularmente chamada de marolo, cabeça-de-negro ou bruto. Uma planta da mesma família, consumida na região é a ata, mais conhecida como pinha ou fruta-do-conde. O nome araticum vem do Tupi e significa "fruto mole". (Fonte: Mundo Educação. Disponível em: https://mundoeducacao.uol.com.br/biologia/araticum-do-cerrado.htm . Acesso em: 28 nov. 2022, 00h03min).	Fitotopônimo	N/E
22	Pedra D’água (Comunidade)	Pedra- sf. Mineral sólido e duro da natureza das rochas. Qualquer pedaço de rocha. Mineral precioso ou semiprecioso usado em joalheria. (BECHARA, 2011, p. 965) De- preposição com sentido de totalidade, plenitude. Água- sf. Líquido incolor, inodoro e insípido, composto de dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio. (BECHARA, 2011, p. 114) Topônimo composto com elementos linguísticos específicos de origem portuguesa, de taxa de natureza física litotopônimo, aqueles “[...] topônimos de índole mineral, relativos também a constituição do solo” (DICK, 1990).	Nome da antiga fazenda Pedra D’água, por ter na sua localidade pedras naturais, em que as pessoas chamavam de pedras de água. São pedras com uma profundidade considerável que acumulam água das chuvas, em que as mulheres costumavam lavar roupas e fazer outros usos pessoais. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Hidrotopônimo	N/E
23	Picos (Comunidade)	Picos- sm. Ponta aguda de uma montanha ou monte. (BECHARA, 2011, p. 985) Topônimo simples de origem portuguesa, com taxa geomorfotopônimo de natureza física, “[...] topônimos relativos as formas topográficas, depressões do terreno, formações litorâneas” (DICK, 1990).	O nome Picos está relacionado ao relevo local, e pela comunidade possuir muitas pedras com formações onde há picos, são bicudas. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Geomorfotopônimo	N/E
24	Pedra Vermelha (Comunidade)	Pedra- sf. Mineral sólido e duro da natureza das rochas. Qualquer pedaço de rocha. Mineral precioso ou semiprecioso usado em joalheria. (BECHARA, 2011, p. 965) Vermelha- adj. A cor do sangue dos vertebrados; rubro. Que é dessa cor. (BECHARA, 2011, p. 1283) Topônimo composto de dois elementos específicos com origem portuguesa, dentro da taxa litotopônimo de natureza física, “[...] topônimos de índole mineral, relativos também a constituição do	Pedra Vermelha tem esse nome, porque a comunidade possui pedras com características avermelhadas, devido ao barro típico da localidade. Pedra é um mineral sólido e duro da natureza das rochas. Qualquer pedaço de rocha. (BECHARA, 2011, p. 965)	Litotopônimo	N/E

		solo” (DICK, 1990).			
25	Monte Pedral (Comunidade)	Monte- sm. (Geogr.) Grande elevação de terra ou de rocha acima do solo que a circunda; serra, morro. (BECHARA, 2011, p. 877) Pedral- adj. Relativo a pedra: “mineral sólido e duro da natureza das rochas. Qualquer pedaço de rocha. Mineral precioso ou semiprecioso usado em joalheria.” (BECHARA, 2011, p. 965) Topônimo composto por dois elementos específicos de origem portuguesa, taxa geomorfotopônimo de natureza física, “[...] topônimos relativos as formas topográficas, depressões do terreno, formações litorâneas” (DICK, 1990).	Monte Pedral é uma localidade elevada e pedregosa. É um monte com um conjunto de pedras ou cheio de pedras. (Fonte: Dicionário Online Priberam de Português. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/pedral . Acesso em: 29 nov. 2022, 20h48min)	Geomorfotopônimo	N/E
26	Volta (Comunidade)	Volta- sf. Ação ou efeito de voltar, regressar, retornar ao início ou ao ponto de onde partiu. Movimento em torno de algo, de si mesmo ou em um circuito fechado. (Fonte: Dicionário Caldas Aulete Digital. Disponível em: https://www.aulete.com.br/volta . Acesso em: 18/02/23, 17h05min. O topônimo tem formação simples e a sua origem é portuguesa, classificado na taxa dimensiotopônimo, “[...] topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura, profundidade” (DICK, 1990).	Não foi possível obter informações.	Dimensiotopônimo	N/E
27	Lagoa do Mulungu (Comunidade)	Lagoa- sf. Lago de pequena extensão e profundidade. Lago que se comunica com o mar ou com outras massas de água. (BECHARA, 2011, p. 768) Do- preposição <i>de</i> + artigo <i>o</i> . Mulungu- sm. Murungu, molungú, mulungú, mulungu [< T. muru’nu]. Planta da família das leguminosas. (CUNHA, 1998, p. 217) Topônimo de formação composta por dois elementos específicos com hibridismo, por possuir o elemento linguístico <i>Lagoa</i> de origem portuguesa e <i>Mulungu</i> de origem tupi, classificado pela taxa hidrotopônimo de natureza física, “[...] topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral” (DICK, 1990).	Lagoa do Mulungu é devido a existência da planta Mulungu na região da comunidade. Uma planta nativa da Caatinga, com nome científico <i>Erythrina velutina</i> , da mesma família do feijão. Muito encontrada em riachos secos no sertão. Por esse motivo, a comunidade foi nomeada como Lagoa do Mulungu. (Fonte: RTV Caatinga Univasf. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=45L1vbB_vOs . Acesso em: 29 nov. 2022, 16h13min).	Hidrotopônimo	N/E
28	Mingu I (Comunidade)	Mingu I- sm. (Bot.) Árvore brasileira de que se tira boa madeira para obras de marchetaria. (Dicionário Online de Português. Disponível em https://www.dicio.com.br/mingu/ . Acesso em 18/11/2002, 22h26min). Topônimo de formação simples e de origem tupi, taxa fitotopônimo de natureza física, são “[...] topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade, em conjuntos da	Mingu é uma árvore da flora brasileira, cuja madeira é muito apreciada para obras de marchetaria muito presente na região. (Fonte: Dicionário Caldas Aulete Digital. Disponível em: https://www.aulete.com.br/mingu . Acesso em: 29 nov. 2022, 00h49min).	Fitotopônimo	N/E

		mesma espécie ou de espécies diferentes” (DICK, 1990).			
29	Mingu II (Comunidade)	Mingu II- sm. (Bot.) Árvore brasileira de que se tira boa madeira para obras de marchetaria. (Dicionário Online de Português. Disponível em https://www.dicio.com.br/mingu/ . Acesso em 18/11/2002, 22h26min). Topônimo de formação simples e de origem tupi, taxa fitotopônimo de natureza física, são “[...] topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade, em conjuntos da mesma espécie ou de espécies diferentes” (DICK, 1990).	Mingu é uma árvore da flora brasileira, cuja madeira é muito apreciada para obras de marchetaria muito presente na região. (Fonte: Dicionário Caldas Aulete Digita. Disponível em: https://www.aulete.com.br/mingu . Acesso em: 29 nov. 2022, 00h49min).	Fitotopônimo	N/E
30	Faixa/Leste (Comunidade)	Faixa- intervalo entre dois limites (de idade, distância ou valor). (BECHARA, 2011, p. 571) Leste- sm. Ponto cardeal onde nasce o Sol; nascente, levante, oriente. (BECHARA, 2001, p. 781) Topônimo composto por dois elementos com origens distintas, em que <i>Faixa</i> é de origem portuguesa e <i>Leste</i> vem do francês, com taxa cardinotopônimo de natureza física, “[...] topônimos relativos a posições geográficas em geral” (DICK, 1990).	O nome Faixa se deu, porque a CHESF construiu uma linha de transmissão de energia enorme, entre o sentido Leste e Oeste da região da comunidade, e assim as pessoas começaram a chamar a linha de transmissão de Faixa, como ponto de referência para localização. Esta se localiza no sentido Leste. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Cardinotopônimo	N/E
31	Faixa/Oeste (Comunidade)	Faixa- intervalo entre dois limites (de idade, distância ou valor). (BECHARA, 2011, p. 571) Oeste- sm. Ponto cardeal diretamente oposto ao leste. Região ou regiões que ficam do lado do oeste. Vento que sopra desse rumo. Topônimo composto, na sua formação, por dois elementos linguísticos específicos com origens distintas (<i>Faixa</i> - origem portuguesa / <i>Leste</i> - origem francesa), taxa identificada é cardinotopônimo de natureza física, como sendo “[...] topônimos relativos a posições geográficas em geral” (DICK, 1990).	O nome Faixa se deu, porque a CHESF construiu uma linha de transmissão de energia enorme, entre o sentido Leste e Oeste da região da comunidade, e assim as pessoas começaram a chamar a linha de transmissão de Faixa, como ponto de referência para localização. Oeste. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Cardinotopônimo	N/E
32	Paturi (Comunidade)	Paturi- sm. Vari.: potori, poteri, patori, paturé, patury, paturí [< T. poti’ri ~VLB I. 21: Ade, ou ganso = Potiri. Ib. I. 146: Ganço = Potirigguaçû]. Ave da família dos anatídeos, espécie de marreca. (CUNHA, 1998, p. 230) Topônimo simples de origem tupi relacionado à taxa zootopônimo de natureza física, “[...] topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos, não domésticos e da mesma espécie em grupos” (DICK, 1990).	Paturi é um pequeno pato frequente na América do Sul, uma ave anseriforme, da família Anatidae, ou seja, um produto do cruzamento de pato com marreca. A localidade tem duas lagoas grandes, que em períodos de chuvas se enchem e passam o verão todo abastecidas atraindo patos. (Fonte: dados de pesquisa de campo e Dicionário Online de Português. Disponível em: https://www.dicio.com.br/paturi/ . Acesso em: 29 nov. 2022, 00h28min).	Zootopônimo	N/E
33	Lagoa Comprida (Comunidade)	Lagoa- sf. Lago de pequena extensão e profundidade. Lago que se comunica com o mar ou com outras massas de água. (BECHARA, 2011, p. 768) Comprida- adj. Que tem grande comprimento. Longo, extenso (quanto ao espaço e tempo). (BECHARA, 2011, p. 332)	Lagoa Comprida tem nome relacionado à lagoa existente na comunidade que é comprida, a qual foi muito utilizada pelos ocupantes da localidade, mas que hoje é bem seca. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Hidrotopônimo	N/E

		Topônimo de formação composta por dois elementos específicos de origem portuguesa, taxa hidrotopônimo de natureza física, “[...] topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral” (DICK, 1990).			
34	Serrote da Rosa (Comunidade)	Serrote- sm. Ferramenta manual usada para cortar objetos, constituída por uma pequena serra acoplada a um cabo. (BECHARA, 2011, p. 1176) Da- preposição <i>de</i> + artigo <i>a</i> . Rosa- sf. Flor delicada, de suave perfume e cores variegadas, cultivada mundialmente como ornamental e usada também em perfumaria e cosméticos. Roseira. Círculo rosado em cada uma das faces (sm). A cor de uma variedade de rosa. Que é dessa cor (adj). (BECHARA, 2011, p. 1143) Informações extras- a denominação <i>serrote</i> , na região, é tomada como uma serra pequena de formação geológica e não como serra/serrote objeto. Topônimo composto por dois elementos específicos com origem portuguesa, de taxa geomorfotopônimo de natureza física, “[...] topônimos relativos às habitações de um modo geral” (DICK, 1990).	A comunidade foi nomeada dessa forma, porque na localidade existe um ponto em que é uma pequena serra (conhecida como serrote), onde antigos vaqueiros e caçadores tinham como referência para encontros. Além disso, a vegetação proporcionava brotamentos de várias rosas nos arredores caracterizando fortemente o local. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Geomorfotopônimo	N/E
35	Barra de Baixo (Comunidade)	Barra- sf. (Geogr.) local (mar, lago) em que um rio deságua; foz, desembocadura. (BECHARA, 2011, p. 198) De- preposição. Baixo- adj. De pouca altura. Inclinado para o chão. (BECHARA, 2011, p. 189) É um topônimo composto pelos dois elementos específicos <i>Barra</i> e <i>Baixo</i> com origem portuguesa, como é possível observar. De taxa geomorfotopônimo (natureza física), “[...] topônimos relativos as formas topográficas, depressões do terreno, formações litorâneas” (DICK, 1990).	A Barra de Baixo está localizada numa baixa do pé do Boqueirão, e está relacionada à geomorfologia local, pois possui um riacho que é como uma barreira entre Poço Redondo/SE e Canindé/SE. A barra é uma formação geológica que ocorre nas desembocaduras de canais, estreitos, rios e outros cursos de água. (Fonte: Um Milhão de Metros. Disponível em: http://ummilhaodemetros.blogspot.com/2014/07/entendendo-as-coisas-foz-delta-estuario.html . Acesso em: 28 nov. 2022, 21h13min).	Geomorfotopônimo	N/E
36	Boqueirão (Comunidade)	Boqueirão- sm. Grande boca. Abertura grande de rio ou canal. Garganta de serra pela qual passa um rio. Braço de mar entre uma ilha e a costa. (BECHARA, 2011, p. 224) Topônimo simples de origem portuguesa. Classificado na taxa hidrotopônimo de natureza física, “[...] topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral” (DICK, 1990).	Boqueirão é o nome dado ao riacho localizado nessa comunidade rural, que fica entre serras. Assim, a comunidade foi consolidada com o nome do riacho.	Hidrotopônimo	N/E
37	Pelado I (Comunidade)	Pelado I- adj. Sem pelos; que não tem pelo: cabeça pelada. Sem pele. Nu, despido. (BECHARA, 2011, p. 967)	Pelado está relacionado à falta de vegetação na área da comunidade, por esse motivo a comunidade passou a chamar-se dessa forma. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Geomorfotopônimo	N/E

		Topônimo simples de origem portuguesa, relaciona-se à taxa geomorfotopônimo, pois vincula-se ao relevo local. Assim, é de natureza física, “[...] topônimos relativos as formas topográficas, depressões do terreno, formações litorâneas” (DICK, 1990).			
38	Pelado II (Comunidade)	Pelado II- adj. Sem pelos; que não tem pelo: cabeça pelada. Sem pele. Nu, despido. (BECHARA, 2011, p. 967) Topônimo simples de origem portuguesa, relaciona-se à taxa geomorfotopônimo, pois vincula-se ao relevo local. Assim, é de natureza física, “[...] topônimos relativos as formas topográficas, depressões do terreno, formações litorâneas” (DICK, 1990).	Pelado está relacionado à falta de vegetação na área da comunidade, por esse motivo a comunidade passou a chamar-se dessa forma. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Geomorfotopônimo	N/E
39	Baixa da Areia (Comunidade)	Baixa- sf. Abaixamento, diminuição em altura em altura. Depressão do terreno. (BECHARA, 2011, p. 189) Da- preposição <i>de + a</i> . Areia- sf. (Min.) Mistura de finíssimos grãos de rocha que se encontra nos desertos e nas praias. (BECHARA, 2011, p. 157) Topônimo composto em sua formação, com origem portuguesa, de taxa geomorfotopônimo de natureza física, “[...] topônimos relativos as formas topográficas, depressões do terreno, formações litorâneas” (DICK, 1990).	Baixa da Areia tem relação com o relevo local. Por ser localizada em uma baixa, faz acúmulo de areia, sendo assim conhecida e nomeada. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Geomorfotopônimo	N/E
40	Salinas I (Comunidade)	Salina I- sf. Lugar onde é represada a água do mar ou de lagoa salgada, para que, por meio de processo de evaporação seja produzido sal. (BECHARA, 2011, p. 1155) É um topônimo simples, possuindo apenas um elemento específico com origem portuguesa, da taxa geomorfotopônimo de natureza física, “[...] topônimos relativos as formas topográficas, depressões do terreno, formações litorâneas” (DICK, 1990).	O nome Salinas está relacionado à Barragem Comunitária Salinas que existe na região da comunidade. Na comunidade também foi implantada um dessalinizador, pela região haver naturalmente a produção de água salobra. Então, para o uso da água, foi adotado pelo Governo do Estado esse processo em que retira todos os sais minerais dissolvidos na água para o consumo humano. Por esses motivos a comunidade foi nomeada como Salinas, principalmente por produzir água salobra. (Fonte: dados de pesquisa de campo e Google Maps).	Geomorfotopônimo	N/E
41	Salinas II (Comunidade)	Salina II- sf. Lugar onde é represada a água do mar ou de lagoa salgada, para que, por meio de processo de evaporação seja produzido sal. (BECHARA, 2011, p. 1155) É um topônimo simples, possuindo apenas um elemento específico com origem portuguesa, da taxa geomorfotopônimo de natureza física, “[...] topônimos relativos as formas topográficas, depressões do terreno, formações litorâneas” (DICK, 1990).	O nome Salinas está relacionado à Barragem Comunitária Salinas que existe na região da comunidade. Na comunidade também foi implantada um dessalinizador, pela região haver naturalmente a produção de água salobra. Então, para o uso da água, foi adotado pelo Governo do Estado esse processo em que retira todos os sais minerais dissolvidos na água para o consumo humano. Por esses motivos a comunidade foi nomeada como Salinas, principalmente por produzir água salobra. (Fonte: dados de pesquisa de campo e Google Maps).	Geomorfotopônimo	N/E
42	Lagoa do Boi (Comunidade)	Lagoa- sf. Lago de pequena extensão e profundidade. Lago que se comunica com o mar ou com outras massas de água. (BECHARA, 2011, p. 768)	Lagoa do Boi já foi uma lagoa/tanque que havia na comunidade, pela criação imensa de boi há muitos anos. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Hidrotopônimo	N/E

		<p>Do- preposição <i>de</i> + artigo <i>o</i>.</p> <p>Boi- sm. Mamífero ruminante, usado em serviços de lavoura ou de carga e também destinado à alimentação do homem. (BECHARA, 2011, p. 220)</p> <p>Topônimo composto de origem portuguesa, relacionado à taxa hidrotopônimo de natureza física, “[...] topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral” (DICK, 1990).</p>			
43	Jaburú (Comunidade)	<p>Jaburu- sm. (Zool) Ave de plumagem branca, de grande porte, que vive perto de rios e lagoas, alimentando-se de peixes e pequenos animais; tuiuíú. (BECHARA, 2011, p. 753)</p> <p>É um topônimo formado por apenas um elemento específico, portanto simples e de origem tupi. De natureza física relacionado à taxa zootopônimo, “[...] topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos, não domésticos e da mesma espécie em grupos” (DICK, 1990).</p>	<p>Jaburú é uma ave ciconiforme, de grande porte, da família dos ciconiídeos, encontrada em grandes rios, lagoas e pantanais. O seu nome é de origem tupi e o significado é algo como “pescoço inchado”. (Fonte: Agro 2.0. Disponível em: https://agro20.com.br/jaburu/. Acesso em: 29 nov. 2022, 00h38min).</p> <p>A localidade recebeu esse nome pela maciça quantidade de jaburus na região da comunidade. (Fonte: dados de pesquisa de campo).</p>	Zootopônimo	N/E

Adaptado de Dick (2004)

Já quando olhamos para os topônimos de natureza antropocultural, vemos a incidência de antropotopônimos nos nomes das comunidades rurais, ficando com a mesma quantidade de geomorfotopônimos. Nas palavras de Dick (1990), o emprego do nome individual como forma de nomeação de acidentes geográficos é um fato humano. Essa recorrência se deve ao fenômeno de homenagem a personalidades que, de algum modo, deixaram legado e foram importantes para a sociedade, pensando em nível local, regional e/ou nacional. Esse fenômeno é chamado de massificação antropotoponímica e é comum em qualquer região do Brasil e do Mundo. Além disso, fica claro que a maioria dessas comunidades é registrada pelo Governo Federal e Estadual através da Reforma Agrária com a luta de camponeses do Movimento Sem Terra (MST), o que nos leva a entender que o *loco* tem um grande domínio do MST e que, portanto, a motivação está relacionada à homenagens a lideranças do movimento, sejam elas pessoas reconhecidas nacional e/ou regionalmente, assim como lideranças reconhecidas a níveis nacional e/ou internacional, que defendem pautas de movimentos de esquerda, marcando também a ideologia predominante do povo local. São eles, *Karl Marx, Antonio Conselheiro, Adão Preto, Emília Maria, José Nogueira, João Pedro Teixeira*, etc.

Além dos antropotopônimos, encontramos uma variedade de taxionomias nas motivações semânticas das denominações de natureza antropocultural, como o etnotopônimo *Cuiabá*, o qual tem sua motivação relacionada com possíveis escolhas dos povos indígenas que anteriormente habitaram a localidade; os hagiotopônimos *Santa Maria* e *Santa Rita* que muito claramente as escolhas relacionam-se com a fé Católica do povo dessas comunidades, no intuito de homenagear as Santas, como é comum em vários outros lugares, já que o Catolicismo é predominantemente parte da cultura brasileira; o cronotopônimo *Nova Vida* traz um sentido de algo novo com boas perspectivas de vida, que foi exatamente o que aconteceu no assentamento, como demonstrado no Quadro 4; os historiotopônimos *12 de Março* e *9 de Junho* que são nomes relacionados a datas de ocupação das terras por integrantes do MST, percebemos mais uma vez que o movimento influencia diretamente na escolha das denominações; os corotopônimos *Eldorado dos Carajás, Maringá* e *Cuiabá* em que são, respectivamente, nomes de duas cidades e de uma capital, as quais influenciaram diferentemente nas escolhas para as denominações das colônias agrícolas e assentamento, detalhadas no Quadro 4; o somatopônimo *Cachinho* que relacionamos com parte do corpo, como o cabelo, mas não obtivemos informações fidedignas para entendermos a real motivação; os politopônimos *Colônia Santa Rita, Rua da Palha* e *Fazenda Petrolina* que são atualmente, respectivamente, comunidades e assentamento, ou seja, o genérico anterior se tornou um dos elementos específicos do nome, cada um com sua motivação diferente,

também identificadas no Quadro 4; o animotopônimo *Risada* que relaciona-se com algo feliz, alegre, com um sentimento humano, contudo não obtivemos informações suficientes que pudessem esclarecer a real motivação para essa denominação; os ergotopônimos *Butijo* e *Caqueiro* (I e II) que são materiais artesanais muito produzidos em outrora pela comunidade local; o ecotopônimo *Recanto*, relacionado a lugar de vivência, mas que também não foi possível obter informações para a sua provável motivação; o dirrematopônimo *Sempre Viva* que possui otimismo em seu nome, positividade, motivação detalhada no Quadro 4, e o sociotopônimo *Consulta* com relação de ponto de encontro dos membros da comunidade, porém não foi possível entender melhor o real motivo da escolha.

Quadro 4 – Taxionomias de natureza antropocultural

N.	TOPÔNIMO OFICIAL ATUAL + ELEMENTO GENÉRICO	ÂNÁLISE MORFOSSEMÂNTICA	INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS / DADOS ORAIS	TAXIONOMIA	TOPÔNIMO PARALELO
1	Florestan Fernandes (Assentamento)	<p>Florestan Fernandes- (1920-1995) sm. Foi cientista social brasileiro do século XX. Uma figura expressiva na resistência contra a ditadura militar imposta no ano de 1964, que esteve sempre relacionada à luta pela terra e a movimentos de esquerda. (CERQUEIRA, 2004)</p> <p>É um topônimo composto por haver dois signos linguísticos, estes como sendo nomes próprios em função toponímica. Classificado como antropotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos nomes próprios individuais” (DICK, 1990).</p>	<p>Florestan Fernandes (1920-1995) foi cientista social brasileiro do século XX e uma figura expressiva na resistência contra a ditadura militar imposta no ano de 1964, que esteve sempre relacionada à luta pela terra e a movimentos de esquerda. (CERQUEIRA, 2004)</p> <p>O nome Florestan Fernandes foi escolha dos ocupantes da comunidade rural para homenagear essa figura pública e histórica na política do país. (Fonte: dados de pesquisa de campo)</p>	Antropotopônimo	Oroco
2	Cuiabá (Assentamento)	<p>Cuiabá- sf. c. cuy-abá, gente forte, valente, esforçada; nome de uma tribo selvagem encontrada nas margens do afluente do rio S. Lourenço que tem essa denominação, Matto Grosso. (SAMPAIO, 1901, p. 124)</p> <p>Topônimo simples em sua formação de origem tupi, da taxa corotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes” (DICK, 1990).</p>	<p>Cuiabá- c. cuy-abá, gente forte, valente, esforçada; nome de uma tribo selvagem encontrada nas margens do afluente do rio S. Lourenço que tem essa denominação, Matto Grosso. (SAMPAIO, 1901, p. 124)</p> <p>Referência a capital do estado brasileiro Mato Grosso.</p>	Corotopônimo	N/E
3	Santa Maria (Assentamento)	<p>Santa Maria- sf. É mãe do menino Jesus, através da intervenção divina. Considerada Santa pelos católicos e ortodoxos.</p> <p>Santo (a)- adj. Que se baseia em princípios religiosos: gesto santo. Que é divino; sagrado: manto santo. Que é bondoso; generoso: alma santa. Pessoa canonizada; são. (BECHARA, 2011, p. 1159)</p> <p>Maria- sf. Do gr., exaltada, do ár., senhora, do hebr., “elevada, princesa, estrela do mar” ou “sua rebelião”, do egípcio, “amada de Amom”. (MORAES, 2010, p. 259)</p> <p>Topônimo composto de dois elementos linguísticos específicos, nome próprio em função toponímica, classificado como um hagiopotônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos santos e santas” (DICK, 1990).</p>	<p>Santa Maria é mãe do menino Jesus, através da intervenção divina. Considerada Santa pelos católicos e ortodoxos. Tornou-se dogma de fé proclamado pelo Concílio de Éfeso no ano 431, “<i>Maria se tornou, com toda a verdade, Mãe de Deus. Mãe de Deus, por ter concebido humanamente o Filho de Deus em seu seio: Mãe de Deus, não porque o Verbo de Deus dela tenha recebido a natureza divina, mas porque dela recebeu o corpo sagrado, dotado duma alma racional, unido ao qual, na sua pessoa, se diz que o Verbo nasceu segundo a carne.</i>” DS 251. Este reconhecimento de Maria foi feito, primeiramente, pelo próprio Espírito Santo, como lemos no Evangelho de Lucas que Isabel, cheia do Espírito Santo, chamou Maria de “<i>mãe de meu Senhor</i>” (Lc1, 43). (Fonte: Cruz Terra Santa. Disponível em: https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-maria/322/102/. Acesso em: 27 nov. 2022, 18h03min).</p>	Hagiopotônimo	N/E

4	Santa Rita (Assentamento)	<p>Santa Rita- sf. É canonizada padroeira das causas impossíveis. Santo (a)- adj. Que se baseia em princípios religiosos: gesto santo. Que é divino; sagrado: manto santo. Que é bondoso; generoso: alma santa. Pessoa canonizada; são. (BECHARA, 2011, p. 1159) Rita- sf. Nome próprio que foi canonizado pelo fé católica.</p> <p>Topônimo composto por dois elementos específicos, o segundo de nome próprio em função toponímica por homenagem a Santos. Portanto, com taxa hagiopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos santos e santas” (DICK, 1990).</p>	<p>Santa Rita (1381-1457) é canonizada padroeira das causas impossíveis pelo seu histórico de vida difícil e por conseguir tudo que sempre pediu a Deus através das suas fortes orações e da sua fé ao longo de toda a sua vida, e dos 40 anos dentro da ordem religiosa. (Fonte: Uol Educação. Disponível em: https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/05/22/dia-de-santa-rita-de-cassia-saiba-quem-foi-e-veja-a-oracao.htm. Acesso em: 27 nov. 2022, 18h11min).</p>	Hagiopônimo	N/E
5	João Pedro Teixeira (Assentamento)	<p>João Pedro Teixeira- (1918-1962) sm. É considerado um grande líder camponês da Paraíba e do Brasil. Lutava por justiça social, reforma agrária, educação e direitos dos trabalhadores rurais.</p> <p>Topônimo composto por três elementos específicos, nome próprio em função toponímica, de classificação antropotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos nomes próprios individuais” (DICK, 1990).</p>	<p>João Pedro Teixeira (1918-1962) é considerado um grande líder camponês da Paraíba e do Brasil. Lutava por justiça social, reforma agrária, educação e direitos dos trabalhadores rurais. As lutas travadas o levaram à morte, ao tempo que o fizeram entrar para a história como uma figura importante da luta pela terra. (Fonte: Brasil de Fato. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2022/04/02/cabra-marcado-para-morrer-morte-do-lider-campones-joao-pedro-teixeira-completa-60-anos. Acesso em: 27 nov. 2022, 18h33min).</p>	Antropotopônimo	N/E
6	Nova vida (Assentamento)	<p>Nova (o)- adj. Que existe há pouco tempo. Que tem pouca idade. Aquilo que é novidade. (BECHARA, 2011, p. 909) Vida- sf. (Biol.) condição da existência de alguns seres como o humano, os outros animais, as plantas e outros organismos, marcada por nascimento, desenvolvimento, reprodução, envelhecimento e morte; existência. (BECHARA, 2011, p. 1288)</p> <p>Topônimo composto por dois elementos específicos, classificado como cronotopônimo de natureza antropocultural, “[...]topônimos que encerram indicadores cronológicos representado, em toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha” (DICK, 1990).</p>	<p>Nova Vida tem esse nome, pois pessoas evangélicas desde o início da formação da comunidade, fazem parte dela e trouxeram progresso ao local. Assim, como houve muito progresso, e por isso o nome foi consolidado dessa forma, os evangélicos diziam trazer uma nova vida a todos da região, tanto no âmbito religioso como físico/estrutural do assentamento. (Fonte: dados de pesquisa de campo).</p>	Cronotopônimo	N/E
7	12 de Março (Assentamento)	<p>12 de Março- data de ocupação da comunidade rural pelos povos do Movimento Sem Terra (MST).</p> <p>Topônimo composto e classificado como historiotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos movimentos de cunho históricosocial e aos seus membros, assim como datas correspondentes” (DICK, 1990).</p>	<p>A motivação da escolha do topônimo foi a data de ocupação da comunidade rural pelos povos do Movimento Sem Terra (MST). Por esse motivo, <i>12 de Março</i> é o topônimo oficial do assentamento. (Fonte: dados de pesquisa de campo)</p>	Historiotopônimo	Gualté

8	Eldorado dos Carajás (Colônia Agrícola)	Eldorado dos Carajás- sm. Nomeação de uma cidade do estado do Pará, onde ocorreu o massacre de dezenove trabalhadores do Movimento Sem Terra (MST). Topônimo composto, com classificação de corotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes” (DICK, 1990).	Eldorado dos Carajás é a nomeação de uma cidade do estado do Pará, onde ocorreu o massacre de dezenove trabalhadores do Movimento Sem Terra (MST), que protestavam pela demora na desapropriação de terras da localidade. A escolha do nome em análise foi justamente em homenagem as pessoas do MST que foram assassinadas no conflito contra Policiais Militares do estado do Pará. (Fonte: dados de pesquisa de campo e do Memória Globo. Disponível em: https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/massacre-em-eldorado-dos-carajas/noticia/massacre-em-eldorado-dos-carajas.ghtml . Acesso em: 27 nov. 2022, 19h13min).	Corotopônimo	N/E
9	Sebastião Enéas (Colônia Agrícola)	Sebastião Enéas- sm. Foi líder regional do Movimento Sem Terra. Assim, classificamos como um topônimo de estrutura composta, nome próprio em função toponímica, de taxa antropotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos nomes próprios individuais” (DICK, 1990).	Sebastião Enéas foi um líder regional do Movimento Sem Terra. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Antropotopônimo	N/E
10	9 de Junho (Colônia Agrícola)	09 de Junho- data de ocupação da comunidade rural pelos povos do Movimento Sem Terra (MST). Topônimo composto e classificado como historiopotônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos movimentos de cunho históricosocial e aos seus membros, assim como datas correspondentes” (DICK, 1990).	A motivação da escolha do topônimo foi a data de ocupação da comunidade rural pelos povos do Movimento Sem Terra (MST). Por esse motivo, <i>09 de Junho</i> é o topônimo oficial do assentamento. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Historiotopônimo	N/E
11	Karl Marx (Colônia Agrícola)	Karl Marx- (1818-1883) sm. Filósofo, ativista político alemão e um dos fundadores do Socialismo. Topônimo composto, nome próprio em função toponímica, de taxa antropotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos nomes próprios individuais” (DICK, 1990).	Karl Marx (1818-1883) foi um filósofo, sociólogo, ativista político alemão e um dos fundadores do Socialismo. Lutou, portanto, por pautas de movimentos de esquerda. (Fonte: Mundo Educação. Disponível em: https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/karl-marx.htm . Acesso em: 27 nov. 2022, 19h47min).	Antropotopônimo	N/E
12	Emília Maria (Colônia Agrícola)	Emília Maria- sf. líder local do Movimento Sem Terra. Topônimo composto por dois elementos específicos, nomes próprios em função toponímica como homenagem, de taxa antropotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos nomes próprios individuais” (DICK, 1990).	Emília Maria foi uma liderança local do Movimento Sem Terra. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Antropotopônimo	N/E
13	Ana Patrícia (Colônia Agrícola)	Ana Patrícia- sf. liderança local do Movimento Sem Terra. Topônimo composto por dois elementos específicos, nomes	Ana Patrícia foi uma liderança local do Movimento Sem Terra. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Antropotopônimo	N/E

		próprios em função toponímica como homenagem, de taxa antropotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos nomes próprios individuais” (DICK, 1990).			
14	Manoel Dionísio Cruz (Colônia Agrícola)	Manoel Dionísio Cruz- sm. Era uma liderança do Movimento Sem Terra (MST) do Rio Grande do Sul. Topônimo composto, nome próprio em função toponímica como homenagem, classificado como antropotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos nomes próprios individuais” (DICK, 1990).	Manoel Dionísio Cruz era uma liderança do Movimento Sem Terra (MST) do Rio Grande do Sul, assassinado por lutar pelas pautas do MST. A motivação de colocar o nome da liderança como sendo o nome do assentamento se deu no mesmo ano do assassinato, pois foi nesse mesmo período que estava ocorrendo a transição de acampamento para assentamento. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Antropotopônimo	Quixabeira
15	Antonio Conselheiro (Colônia Agrícola)	Antonio Conselheiro- (1830- 1897) sm. Foi um líder religioso e o fundador do arraial chamado de Belo Monte no estado da Bahia. Classificamos como um topônimo composto, de taxa antropotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos nomes próprios individuais” (DICK, 1990).	Antonio Conselheiro- Antonio Vicente Mendes Maciel (1830-1897) foi um líder religioso e o fundador do arraial chamado de Belo Monte no estado da Bahia, mais conhecido como Canudos. Defendia as crenças religiosas e pautas de cunho esquerdista (Fonte: Sua Pesquisa.com. Disponível em: https://www.suapesquisa.com/historia/guerradecanudos/antonio_conselheiro.htm . Acesso em 27 nov. 2022, 19h59min).	Antropotopônimo	N/E
16	Valmir Mota Kênio (Colônia Agrícola)	Valmir Mota Kênio- sm. Mais conhecido como Keno, foi um agricultor e militante Sem Terra. Topônimo composto, nome próprio em função toponímica, de taxa antropotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos nomes próprios individuais” (DICK, 1990).	Valmir Mota Kênio, mais conhecido como Keno, foi um agricultor e militante Sem Terra. Assassinado por defender as pautas dos camponeses do Movimento Sem Terra. (Fonte: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra Brasil. Disponível em: https://mst.org.br/2022/10/21/keno-presente-15-anos-do-assassinato-de-valmir-mota-de-oliveira/ . Acesso em 23 nov. 2022, 17h24min).	Antropotopônimo	N/E
17	José Nogueira (Colônia Agrícola)	José Nogueira- sm. Líder local do Movimento Sem Terra. Classificado como topônimo composto por haver dois elementos específicos na sua formação, nomes próprios em função toponímica por homenagem, de taxa antropotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos nomes próprios individuais” (DICK, 1990).	João Nogueira era liderança local do Movimento Sem Terra. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Antropotopônimo	N/E
18	Adão Preto (Colônia Agrícola)	Adão Preto- sm. Agricultor que ocupou os cargos de deputado estadual e federal e um dos fundadores do Movimento Sem Terra. Topônimo composto, nome próprio em função toponímica, classificado como antropotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos nomes	Adão Preto- Foi um agricultor que ocupou os cargos de deputado estadual e federal, como também um dos fundadores do Movimento Sem Terra. (Fonte: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra Brasil. Disponível em: https://mst.org.br/2015/12/11/semana-adao-preto-celebra-memoria-do-deputado-um-dos-fundadores-do-mst/ . Acesso em: 23 nov. 2022, 17h39min).	Antropotopônimo	N/E

		próprios individuais” (DICK, 1990).			
19	Daniel Ricardo (Colônia Agrícola)	Daniel Ricardo- sm. Foi um filho da região de Canindé de São Francisco, apoiador da luta do Movimento Sem Terra. Topônimo composto por dois elementos específicos, nome próprio em função toponímica, classificado como antropotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos nomes próprios individuais” (DICK, 1990).	Daniel Ricardo foi um filho da região de Canindé de São Francisco, apoiador da luta do Movimento Sem Terra (MST) desde os primeiros acampamentos, por esse motivo foi homenageado pelos ocupantes do assentamento. (Fonte: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra Brasil). Disponível em: https://mst.org.br/2013/04/04/sem-terra-conquistam-mais-um-assentamento-em-sergipe/ . Acesso em: 23 nov. 2022, 19h48min).	Antropotopônimo	Japão
20	Augusto Bezerra (Colônia Agrícola)	Augusto Bezerra- sm. Mais conhecido como Pernambuco, foi uma liderança do Movimento Sem Terra (MST). Topônimo composto por dois elementos específicos e nome próprio em função toponímica, taxa antropotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos nomes próprios individuais” (DICK, 1990).	Augusto Bezerra- sm. Mais conhecido como Pernambuco, foi uma liderança do Movimento Sem Terra (MST), dedicou sua vida ao movimento na luta pela Reforma Agrária e contribuía com o Setor de Formação do estado. (Fonte: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra Brasil. Disponível em: https://mst.org.br/2010/08/19/mst-se-lamenta-perda-do-companheiro-pernambuco/ . Acesso em: 23 nov. 2022, 19h21min)	Antropotopônimo	N/E
21	Cachinho (Comunidade)	Cachinho- sm. Anéis de cabelos encaracolados em conjunto pendente. (Bot.) conjunto de flores ou de frutos dispostos em torno de um eixo comum. Classificado como um topônimo simples, de taxa somatopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos empregados em relação metafórica a partes do corpo humano ou do animal” (DICK, 1990).	Não foi possível obter informações.	Somatopônimo	N/E
22	Colônia Santa Rita (Comunidade)	Colônia- sf. Território ocupado e administrado por uma nação fora de suas fronteiras, a ela permanecendo ligado por laços estreitos de subordinação. Reunião de indivíduos da mesma nacionalidade que vivem num outro país. Povoação fundada por emigrantes. Grupo de pessoas que se estabelecem num lugar para determinado fim. (BECHARA, 2011, p. 322) Santa Rita- sf. É canonizada padroeira das causas impossíveis pelo seu histórico de vida difícil e por conseguir tudo que sempre pediu a Deus através das suas fortes orações e da sua fé ao longo de toda a sua vida, e dos 40 anos dentro da ordem religiosa. Santo (a)- adj. Que se baseia em princípios religiosos: gesto santo. Que é divino; sagrado: manto santo. Que é bondoso; generoso: alma santa. Pessoa canonizada; são. (BECHARA, 2011, p. 1159) Rita- sf. Nome próprio canonizado pela fé católica em função toponímica.	Colônia é um território ocupado e administrado por uma nação fora de suas fronteiras, a ela permanecendo ligado por laços estreitos de subordinação. Reunião de indivíduos da mesma nacionalidade que vivem num outro país. Povoação fundada por emigrantes. Grupo de pessoas que se estabelecem num lugar para determinado fim. (BECHARA, 2011, p. 322) Santa Rita (1381-1457) é canonizada padroeira das causas impossíveis pelo seu histórico de vida difícil e por conseguir tudo que sempre pediu a Deus através das suas fortes orações e da sua fé ao longo de toda a sua vida, e dos 40 anos dentro da ordem religiosa. (Fonte: Uol Educação. Disponível em: https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/05/22/dia-de-santa-rita-de-cassia-saiba-quem-foi-e-veja-a-oracao.htm . Acesso em: 27 nov. 2022, 18h11min).	Poliotopônimo	N/E

		Topônimo composto por dois elementos específicos, com taxa poliotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial” (DICK, 1990).			
23	Rua da Palha (Comunidade)	Rua- sf. Via pública urbana determinada por um alinhamento a partir do qual se edificam moradias e estabelecimentos diversos, como lojas, escolas, hospitais etc. Qualquer lugar fora da moradia. O conjunto dos habitantes de uma rua. (BECHARA, 2011, p. 1145) Da- proposição <i>de</i> + artigo <i>a</i> . Palha- sf. Haste seca de gramíneas, normalmente cereais, usada para alimentação animal. Fibra, filamento ou outro material (artificial ou natural) passível de ser tecido ou trançado. (BECHARA, 2011, p. 940) Topônimo composto por dois elementos específicos, classificado na taxa poliotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial” (DICK, 1990).	Rua da Palha era uma rua dessa região que se tornou comunidade e que antes era também fazenda. Teve essa nomeação, pois à época existiam ali muitos barraquinhos feitos da palha de coqueiro. Assim, consolidou-se a comunidade com esse nome após a municipalização de Canindé-SE e Poço Redondo-SE. De rua passou a ser comunidade, mas permaneceu com a palavra rua, por antes ser apenas uma rua próximo a Fazenda Belo Horizonte. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Poliotopônimo	N/E
24	Risada (Comunidade)	Risada- sf. Riso aberto, alto, sonoro. Riso simultâneo de várias pessoas reunidas. (BECHARA, 2011, p. 1134) Topônimo simples, classificado como um animotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos à vida psíquica, a cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano” (DICK, 1990).	Não foi possível obter informações.	Animotopônimo	N/E
25	Butijo (Comunidade)	Butijo- sf. Vasilhame de barro ou arenito, bojudo, com gargalo e asa, para guardar azeite, vinagre e outros líquidos. (BECHARA, 2011, p. 227) Topônimo simples, taxa ergotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos elementos da cultura material” (DICK, 1990).	Butijo vem de Botijo, é um vaso artesanal, que está relacionado a uma pessoa da comunidade chamada/apelidada dessa forma e por já ter existido há algum tempo uma produção de telha na localidade. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Ergotopônimo	N/E
26	Caqueiro I (Comunidade)	Caqueiro I- sm. Vaso de barro muito velho ou fendido. Topônimo simples de taxa ergotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos elementos da cultura material” (DICK, 1990).	Caqueiro é um vaso de barro velho, muito usado, inútil ou quebrado. A comunidade possui esse nome pela quantidade de caqueiros que foram produzidos na localidade antes de ser comunidade. (Fonte: dados de pesquisa de campo e Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/caqueiro . Acesso em 29 nov. 2022, 15h28min).	Ergotopônimo	N/E

27	Caqueiro II (Comunidade)	Caqueiro II- sm. Vaso de barro muito velho ou fendido. Topônimo simples de taxa ergotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos elementos da cultura material” (DICK, 1990).	Caqueiro é um vaso de barro velho, muito usado, inútil ou quebrado. A comunidade possui esse nome pela quantidade de caqueiros que foram produzidos na localidade antes de ser comunidade. (Fonte: dados de pesquisa de campo e Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/caqueiro . Acesso em 29 nov. 2022, 15h28min).	Ergotopônimo	N/E
28	Recanto (Comunidade)	Recanto- sm. Canto ou lugar retirado e discreto. Lugar agradável e aprazível. Aquilo que é mais íntimo; recôndito, profundo. (BECHARA, 2011, p. 1076) Topônimo simples na sua formação, classificado como ecotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos às habitações de um modo geral” (DICK, 1990).	Não foi possível obter informações.	Ecotopônimo	N/E
29	Chiquito (Comunidade)	Chiquito- sm. Apelido de Francisco, nome de homem, do latim <i>Franciscu</i> . (SANTOS, 2019) Topônimo com formação simples e nome próprio em função toponímica, classificado na taxa antropotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos nomes próprios individuais” (DICK, 1990).	Chiquito vem do nome Francisco, é o Apelido de Francisco, nome de homem, do latim <i>Franciscu</i> . (SANTOS, 2019) Nome de pessoa escolhido para homenagear um morador querido da localidade que reside há muitos anos na região.	Antropotopônimo	N/E
30	Maringá (Comunidade)	Maringá- adj. Diz-se do animal cujo pelo é majoritariamente claro, com alguns salpicos de preto. (Dicionário Online Priberam de Português. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/maring%C3%A1 . Acesso em: 30/11/22, 19h05min). Topônimo simples de taxa corotopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes” (DICK, 1992, p. 32).	<i>Maringá</i> tem relação com uma pessoa da comunidade, em que tem um irmão que morou em Maringá do Paraná, e sugeriu para a comunidade esse nome, porque achava a cidade bonita e menos violenta. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Corotopônimo	N/E
31	Sempre Viva (Comunidade)	Sempre- adv. Em qualquer ocasião a toda hora. Sem cessar. De forma habitual. De qualquer modo, de qualquer maneira, em todo caso. Ainda. (BECHARA, 2011, p. 1170) Viva- do verbo viver, conjugado na terceira pessoa do singular. Também está para interjeição: emprega-se para aplaudir, para apoiar. Grito, exclamação de aplauso, de felicitação. (BECHARA, 2011, p. 1298) Topônimo composto por dois elementos específicos, classificamos como um dirrematopônimo de natureza antropocultural, “[...] topônimos construídos por frases ou enunciados linguísticos” (DICK, 1990).	Sempre Viva era parte da comunidade Pelado. Com o passar do tempo, moradores dividiram as terras pertencentes ao Pelado, por isso a presente comunidade ganhou um novo nome, em que traz o sentido de que permanece crescente, apesar da sua divisão e desligamento da comunidade Pelado. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Dirrematopônimo	N/E

32	Consulta (Comunidade)	<p>Consulta- sf. Ato ou efeito de consultar; de buscar informação em dicionários, atlas geográfico, tabelas etc. Pedido de conselho; parecer, opinião. Pedido de parecer médico.</p> <p>Topônimo com formação simples, classificado na taxa sociotopônimo, “[...] topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade” (DICK, 1992, p. 33).</p>	Não foi possível obter informações.	Sociotopônimo	N/E
33	Fazenda Petrolina (Projeto de Assentamento)	<p>Fazenda- sf. propriedade rural de lavoura e/ou criação; estância. (BECHARA, 2011, p. 578)</p> <p>Petrolina- sf. “Há versões em que o nome da cidade Petrolina foi em homenagem ao então Imperador Dom Pedro II e sua esposa Dona Leopoldina, com a junção dos dois nomes, o de Dom Pedro II na sua forma latina (Petrus). Outra história menciona a existência de uma pedra linda que havia na margem do rio, pedreira da qual foi retirada matéria-prima para a construção de um dos maiores monumentos históricos da cidade, a Igreja Catedral. O escritor Santana Padilha deixou escrito em seu livro Pedro e Lina que o nome da cidade se daria pelo fato de os dois primeiros moradores se chamarem Pedro e Lina e na ocasião do seu casamento o Frei Henrique, de sotaque italiano, ao pronunciar seus nomes fez-se ouvir Petrolina.” (IBGE, 2017. Acesso em 17/11/2022, 20h41min)</p> <p>O topônimo é composto pelos dois elementos específicos fazerem parte da sua formação, de taxa poliotopônimo de natureza antropocultural, que são os “[...] topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial” (DICK, 1990).</p>	O topônimo Petrolina é atual nome do Projeto de Assentamento, porque é um local que também está dentro do projeto de irrigação. E, pela cidade Petrolina do estado de Pernambuco ser referência na agricultura irrigada, os moradores do local tomaram-na como inspiração, pois acreditam que o Assentamento-Fazenda se tornará uma nova Petrolina. (Fonte: dados de pesquisa de campo).	Poliotopônimo	N/E

Adaptado de Dick (2004)

Nos topônimos, encontramos também denominações comuns como *Salinas I e II*, *Monte Santo I/Monte Santo*, *Caqueiro I e II*, *Pelado I e II*, *Mingu I e II*, *Serra Grande I e II*, e *Faixa/Leste* e *Faixa/Oeste*, ou seja, homônimos, que possuem apenas a numeração em romano *I, II*; e em *Faixa* os pontos cardeais para diferenci-los. Assim, já foi comprovado que esse fenômeno é bem recorrente em outras localidades como em nomes de ruas de áreas recentemente habitadas, como *Rua A1*, *Rua A2*, *Rua A3*.

No *corpus*, os topônimos *Modelo* e *Surrão*, infelizmente não apresentaram informações suficientes para as suas classificações.

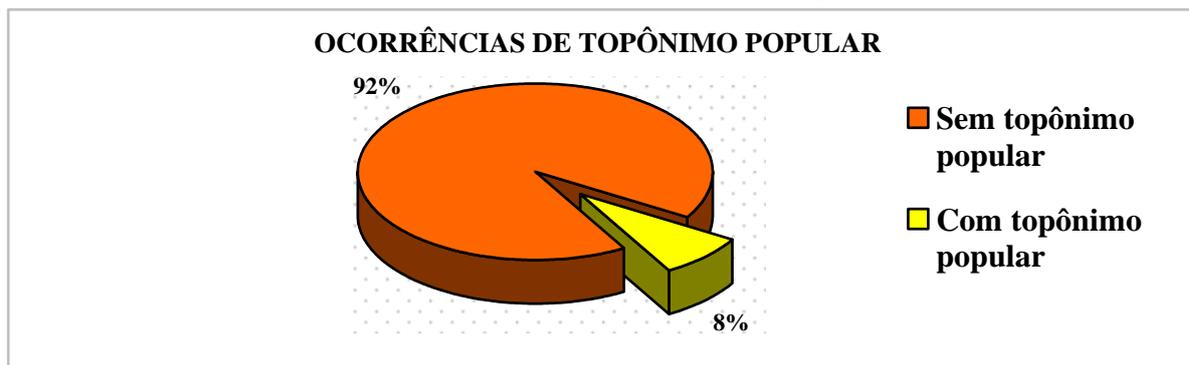
4.2 NATUREZA EXTRALINGUÍSTICA

Além dos nomes oficiais, nossa pesquisa também buscou coletar a toponímia popular, registrando os nomes paralelos ou apelidos dispostos na Tabela 1 do *corpus*, um fenômeno bastante recorrente. Esses são topônimos que surgem antes ou mesmo depois da oficialização do topônimo oficial. Como destaca Vieira (2000),

Quando se pensa em toponímia paralela, pensa-se também em um fenômeno capaz de ‘padronizar’ um comportamento lingüístico social, sem que o mesmo tenha sido trabalhado para isso. Até mesmo nas metrópoles há ocorrências de toponímia paralela, dentro de um segmento social, e, nesse caso, o fenômeno atende a milhares de usuários. (VIEIRA, 2000).

Pensando nisso, vemos normalidade quando uma localidade possui mais de uma nomeação, especificamente como sendo uma oficial e a outra paralela/apelido. Nomear popularmente uma localidade está relacionado à praticidade de pronunciar determinado nome ou por não haver conhecimento com o topônimo oficial, e até mesmo por já ter sido nome oficial, houve mudança para outro topônimo, mas as pessoas não se adaptaram ao novo nome, o que fez tornar o antigo um nome paralelo.

No Gráfico 2, a seguir, mostramos os dados sobre a toponímia paralela presente no *corpus*.

Gráfico 2 – Percentual de ocorrências de topônimo paralelo no *corpus*

Fonte: Dados de pesquisa.

Vieira (2000) nos aponta que existem os paralelos originais, oficiosos, ex-oficiais e correlatos. Ela nos diz o seguinte, que os originais são aqueles criados espontaneamente por um determinado grupo de pessoas, pela falta de um nome oficial que tenha relação com o local, dando espaço para que a nomeação paralela permaneça na memória das pessoas mesmo havendo oficialização de outra nomeação. Os oficiosos são os nomes que estão presentes em documentos oficiais, mas que não foram reconhecidos por parte da administração pública. O paralelo ex-oficial é aquele que deixa de ser oficial e passa a ser paralelo num determinado momento. Nesse caso, todos os paralelos encontrados no documento base da pesquisa se enquadram/classificam na categoria ex-oficial.

Como resultado, conseguimos registrar apenas seis nomes paralelos ou apelidos das 78 comunidades rurais. Os topônimos paralelos, ex-oficiais, são Canadá (oficial atual Jacaré-Curituba), Oroco (oficial atual Florestan Fernandes), Gualté (oficial atual 12 de Março), Umburana (oficial atual Alto da Bela Vista), Quixabeira (oficial atual Manoel Dionísio Cruz) e Japão (oficial atual Daniel Ricardo). Como já mencionado, não foi possível entender o porquê dos paralelos Canadá, Oroco, Gualté e Japão na nossa pesquisa de campo. O que ficou claro é que três dos nomes oficiais partem de homenagens do Movimento Sem Terra (MST) para com seus líderes e até mesmo data de ocupação por eles, evidenciando a marca do movimento dentro do território de Canindé de São Francisco-SE, não à toa o atual prefeito da cidade faz parte do Partido dos Trabalhadores (IBGE, 2021), que tem relação direta com o MST.

Os nomes paralelos são nomes das antigas fazendas, pois antes de se tornarem Assentamentos, Colônias Agrícolas e Comunidades, eram terras que pertenciam às famílias de grande influência na região naquele período, e que depois foram divididas e vendidas a outros proprietários, para que assim com ocupações do MST durante alguns anos, se tornassem o que

são hoje. Sabemos que Canadá e Japão são os nomes de outros países, mas não conseguimos informações para justificar a escolha da nomeação, as pessoas só justificam que eram os nomes das fazendas e que permaneceram na memória popular, assim como Oroco e Gualté, que não apresentaram justificativa. Nos paralelos, Umbarana e Quixabeira, a justificativa é clara, pois a região estudada apresenta em sua vegetação muitas das duas espécies de planta, o que influencia diretamente na escolha desses nomes. Outro ponto visto é que todas as comunidades rurais que não foram ocupadas pelo Movimento Sem Terra permaneceram com os seus nomes iniciais. Assim, vemos que todas as escolhas partem da vivência do povo com o que está ao seu redor, permitindo refletir a cultura, as histórias e características locais nas suas denominações, seja de natureza física ou antropológica.

Nesse sentido, é evidente que a política e a luta por terras trazem a importância dos topônimos nas comunidades, que são aceitos pelas pessoas ou passam a competir com a denominação paralela. É importante também ressaltar que as escolhas dos nomes foram dos próprios ocupantes das terras, no entanto, o povo que mora nas redondezas continuam a chamar e conhecem essas comunidades pelos seus nomes antigos, que se tornaram apelidos. Desse modo, entendemos que há algo maior por trás da permanência desses nomes paralelos, que está relacionado aos valores culturais presentes na história da origem das Comunidades, dos Assentamentos e das Colônias Agrícolas, que continua em evidência até os dias atuais.

Sobre esse ponto, mencionamos Seabra (2006):

Considerada como um produto histórico e, portanto, devendo ser entendida dentro do contexto do processo em que se produz, a linguagem, como objeto de mediação que se interpõe entre o homem e o seu entorno, é uma “ferramenta” fundamental para podermos conhecer a memória participativa de uma determinada sociedade, vinculando-nos às suas histórias sociais e concretas e a suas instituições (SEABRA, 2006, p. 1957).

De modo geral, registrar e estudar essa toponímia nos permite compreender questões nunca vistas, analisadas e assistidas dentro dos nomes da zona rural de Canindé de São Francisco-SE, como a influência do Movimento Sem Terra (a luta por terras) nas localidades, ou seja, a política e a predominância da esquerda e suas pautas, e principalmente a influência física/geológica nas escolhas das nomeações das comunidades rurais da cidade, levando em conta que os antigos fazendeiros e proprietários das terras buscavam locais que tivessem evidências de produção natural de água para sua sobrevivência, havendo a formação natural do relevo local, que também foi influente na toponímia.

Vale ressaltar que a quantidade de assentamentos rurais tem crescido exponencialmente na região e no Brasil, e normalmente as nomenclaturas escolhidas para essas aglomerações humanas são nomes planejados, que despontam quando ocorre uma regularização territorial

após as lutas e conquistas pelas/das terras. No âmbito da toponímia, segundo Vargas Netto (2007), conforme citado por Santos (2019), essa “toponímia rebelde” (definida dessa forma por ser relacionada a lutas por terras) é vista pela frequência usual de homenagens a personalidades e/ou a fatos históricos que representam, de algum modo, aquele (grupo) que nomeou a localidade. Nós temos como exemplos no *corpus* as datas de ocupações de duas comunidades pelo MST (*9 de Junho e 12 de Março*) que se tornaram topônimos das referidas localidades, temos também um homônimo de outra comunidade (*Eldorado dos Carajás*) que é o nome de uma cidade do estado do Pará, onde ocorreu o massacre de vários integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra enquanto lutavam pelas terras contra a Polícia Militar do Pará, assim é feita homenagem ao grupo que lutava pelas pautas defendidas pelo MST. Além desses topônimos, temos vários outros homenageando pessoas de grande relevância para os constituintes do movimento como citado anteriormente nos topônimos oficiais que possuem apelidos/nomes paralelos.

Sobre a “toponímia rebelde”, Vargas Netto (2007) menciona:

[...] encontramos batismos de locais não apenas com nomenclaturas de sujeitos diretamente ligados a esses movimentos, mas também intelectuais e educadores, militantes e líderes sociais, religiosos e agentes pastorais, nomes de santos ou de religiosidade popular, músicos e artistas, por meio de frases e mensagens de esperança e confiança no sucesso da luta, além de personagens históricos mais conhecidos do público em geral que representam, em algum nível, os princípios e as missões desses grupos. (VARGAS NETTO, 2007, p. 128-144 *apud* SANTOS, 2019, p. 175).

Nesse sentido, vemos que essas recorrências dentro da toponímia dos assentamentos rurais possuem uma definição levando em conta a história de lutas pelas conquistas de terras por trás da motivação das suas nomenclaturas, e que não estão apenas ligadas a homenagens de pessoas de um determinado grupo ou somente a datas marcantes, mas também a diversos outros motivos citados anteriormente em Vargas Netto (2007) *apud* Santos (2019). Pensando nisso, apesar dos nomes paralelos (nomes das antigas fazendas) permanecerem na memória popular, houve mudanças nos nomes oficiais justamente após a conquista das terras pelos integrantes do MST e formalização do assentamentos através dos Governos Estadual e Federal.

5 CONCLUSÕES

A presente pesquisa é importante por se apresentar como um produto inédito de catalogação e de análises linguística e extralinguística de topônimos da zona rural de Canindé de São Francisco, no sertão sergipano, realizada via dados bibliográficos, documentais e orais, o que possibilitou identificar e compartilhar/explicitar informações fidedignas em relação aos dados dispostos no decorrer desse estudo.

A relação entre as informações coletadas nas entrevistas *in loco* e a construção dos quadros com informações de cada topônimo permitiram a compreensão de questionamentos da pesquisa, da história sociocultural e da memória toponímica das comunidades rurais de Canindé de São Francisco. Por mais que resida há muitos anos na cidade, nunca havia feito algo parecido, e experimentar ter um contato direto com pessoas influentes e conhecedoras da história da localidade foi enriquecedor, impressionante e incrível – uma experiência única! Acreditamos na importância de ouvir e de armazenar relatos de moradores, mesmo daqueles poucos disponíveis para nossa pesquisa, mas essenciais e cheios de conteúdos relevantes para a finalização deste trabalho, como o relato sobre a memória social e principalmente a respeito das características e marcas de cada localidade que levaram às escolhas de cada nome.

Pensamos, portanto, que ser toponimista é ser integrante de um determinado grupo que tem como objetivo contribuir para a compreensão a respeito do espaço, cultura e memória de um povo. A toponímia nos permite uma melhor compreensão sobre o desenrolar dos valores e tradições de determinado grupo de habitantes, por possuir um importante traço cultural que é elemento parte da identidade do lugar e das pessoas que ali residem. Durante a interpretação da memória toponímica da zona rural de Canindé de São Francisco-SE, cidade da qual a pesquisadora faz parte há exatos 14 anos, foi possível concluir que a relação entre o nome e o lugar contribuem significativamente para o conhecimento linguístico-histórico de uma localidade.

Entendemos, ainda, que, em vários outros locais de zona rural do país, é comum a existência de topônimos de natureza física devido ao ambiente, à formação geológica e a necessidade do homem de meios de sobrevivência, principalmente quando se tratando da água. Também observamos aspectos antrópicos quando se destaca a recorrência de moradores sem-terra em boa parte dessas comunidades rurais, cujas nomenclaturas fazem homenagens a pessoas defensoras das causas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e de movimentos de esquerda de modo geral.

Isso se explica na toponímia pela relação entre homem e seu ambiente de vivência, que

acaba por desenvolver a sua realidade, de modo cultural, histórico e/ou geográfico. Vimos, então, que as influências toponímicas se relacionam com o que é físico, natural e com o que está para relações humanas e resultados de ações humanas para que haja homenagens, inclusive com mais frequência que menções a entidades religiosas ou do poder político de grandes famílias da cidade, como acontece maciçamente na toponímia do Brasil.

Espera-se, portanto, que este trabalho desperte o interesse daqueles que não sabem ou sabem pouco sobre a Toponímia, e ainda mais, que venha a colaborar com quem deseja mergulhar nesse riquíssimo campo de estudo. E, para a localidade em tela, que as pessoas residentes e até mesmo aqueles de fora que desejam conhecer mais sobre essa cidade belíssima, que essa catalogação de topônimos possa enriquecer ainda mais o conhecimento sobre dados linguísticos e sócio-históricos sobre o município.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **Segredos Íntimos: A Gestão dos Assentamentos de Reforma Agrária**. Fortaleza: UFC Edições, 2000.
- ANTUNES, Alessandra Martins; CARVALHINHOS, Patricia de Jesus. Toponímia brasileira. Origens históricas. In: XI Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2007, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF - Livro dos Minicursos**. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2007, vol. XI.
- BECHARA, Evanildo C. **Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras**. Companhia Editora Nacional. 3. ed. São Paulo, 2011.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A Estrutura Mental do Léxico. In: **Teoria Linguística: Linguística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.
- CARVALHINHOS, P. J. Estudos de Onomástica em língua portuguesa no Brasil: perspectivas para inserção mundial. In: Maria Célia Lima Hernandez; Maria João Marçalo; Guaraciaba Micheletti; Vima Lia de Rossi Martin. (Org.). **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: FFLCH-USP, 2008.
- CERQUEIRA, Laurez. **Florestan Fernandes: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi**. Editora Universidade de Brasília. 4. ed. São Paulo, 1998.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Características do Signo Toponímico. In: **Separata da Revista Língua e Literatura**. n o 09. São Paulo: USP, 1980.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO A. N, Krieger M. G, (Org.). **As ciências do léxico. v. II**. Campo Grande: EdUFMS, 2004.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. 2 ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990a.
- IBGE CIDADES E ESTADOS. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/Canindé de São Francisco-SE**. Disponível em: > <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/se/caninde-de-sao-francisco.html>. Acesso em: 30 de dezembro de 2022.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. **A Toponímia como signo de representação de uma realidade**. Fronteiras – Revista de História (UFMS), Campo Grande-MS: v. 1, n. 2. 1997.
- ALCÂNTARA, Fernanda. **23 anos da conquista do Assentamento Cuiabá, em Canindé de São Francisco**. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (Brasil). 2019. Disponível

em: <https://mst.org.br/2019/03/12/23-anos-da-conquista-do-assentamento-cuiaba-em-caninde-do-sao-francisco/>. Acesso em: 03 de abril 2023.

MORAES, Elias. **Dicionário de nomes bíblicos**. São Paulo: Beit Shalom Editora, 2010.

PINKER, Steven. **Do que é feito o pensamento: a língua como janela para natureza humana**. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SAPIR, E. **Língua e ambiente**. In: SAPIR, E. *Linguística como ciência*. Tradução Joaquim Mattoso Câmara Júnior. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SAMPAIO, Theodoro. **O Tupi na Geographia Nacional**. Memória lida no Instituto Histórico e Geographico de S. Paulo. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica. 1901.

SANTOS, Cezar Alexandre Neri. **A Toponímia em Sergipe: descrição e análise**. Universidade Federal da Bahia. 2019. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). Salvador, 2019.

SANTOS, Flávio Luiz dos. **Reforma Agrária e produção do espaço: um estudo sobre o projeto de assentamento**. Almas/BA. GeoTextos, vol. 2, n. 2, 2006.

SANTOS, Marleide Maria. **O sertão sergipano do São Francisco e os movimentos sociais no campo**. São Cristóvão: NPGeo/UFS, 1999. (Dissertação)

SEABRA, Maria Cândida Trindade de. **A formação e a fixação da língua portuguesa: a toponímia da região do Carmo**. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **Referência e onomástica**. In: *Múltiplas perspectivas em linguística: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL)*. Uberlândia: ILEEL, 2006.

SILVA, R. M. e LOPES, E. S. A. **Conflitos de terra e reforma agrária em Sergipe**. Aracaju: UFS, 1996.

SOUZA, Katia Maria A. **Canindé do São Francisco Sergipe Brasil: História e Curiosidades**. Gráfica Editora J. Andrade Ltda. Canindé de São Francisco-SE, 2001.

ULLMANN, S. **Semântica: Uma introdução à ciência do significado**. Trad. Mateus, J. A. Osorio. 2ª ed. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, 1967.

VIEIRA, Zara Peixoto. **Estudo Onomástico do Município de Socorro: reconstituição dos antropônimos e da memória da imigração**. São Paulo: FFLCH/USP, 2000.

ANEXOS

Anexo A - Documento com lista dos nomes das comunidades rurais de Canindé de São Francisco-Sergipe

ESTADO DE SERGIPE
MUNICÍPIO DE CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO
SECRETARIA MUNICIPAL DA AGRICULTURA, ÁGUA E MEIO AMBIENTE
SECRETARIA MUNICIPAL DA ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS
COMUNIDADES E AFINS ATINGIDAS E QUANTIDADES DE PESSOAS

ORDEM	COMUNIDADE	NÚMERO MÉDIO DE PESSOAS	NÚMERO DE FAMÍLIAS
01	Assentamento Jacaré-Curituba V (Canadá)	316	79
02	Assentamento Cuiabá	800	400
03	Assentamento Modelo	224	56
04	Assentamento Mandacaru	312	78
05	Assentamento Florestan Fernandes (Oroco)	144	36
06	Assentamento Monte Santo	120	30
07	Assentamento Monte Santo I	68	17
08	Assentamento Santa Maria	88	22
09	Assentamento Santa Rita	232	58
10	Assentamento João Pedro Teixeira	868	217
11	Assentamento Nova Vida	80	20
12	Assentamento 12 de Março (Gualté)	232	58
13	Colônia Agrícola Alto da Bela Vista (Umburana)	136	34
14	Colônia Agrícola Eldorado dos Carajás	188	47
15	Colônia Agrícola Sebastião Enéas	44	11
16	Colônia Agrícola 09 de Junho	228	57
17	Colônia Agrícola Karl Marx	232	58
18	Colônia Agrícola Emilia Maria	92	23
19	Colônia Agrícola Ana Patrícia	68	17
20	Colônia Agrícola Manoel Dionísio Cruz (Quixabeira)	480	120
21	Colônia Agrícola Antonio Conselheiro	184	46
22	Colônia Agrícola Valmir Mota Kênio	160	40
23	Colônia Agrícola José Nogueira	64	16
24	Colônia Agrícola Adão Preto	376	94
25	Colônia Agrícola Morro da Barriguda	156	39
26	Colônia Agrícola Daniel Ricardo (Japão)	180	45
27	Colônia Agrícola Augusto Bezerra	176	44
28	Comunidade Poço da Quixabeira	12	03
29	Comunidade Poço Verde	44	11
30	Comunidade Cana Brava	65	18
31	Comunidade Morrinhos	28	07
32	Comunidade Lagoa do Serrote	40	10
33	Comunidade Serra Grande I	16	04
34	Comunidade Serra Grande II	60	15
35	Comunidade Baixa Verde	48	12
36	Comunidade Pedra de Amolar	44	11
37	Comunidade Olho D'água	40	10
38	Comunidade Barra de Cima	55	20
39	Comunidade Brejo	60	12
40	Comunidade Lagoa do Frio	150	30

Complexo Agropecuário "Orlando Gomes de Andrade", Rodovia Juacelino Kubitschek SE-230, S/Nº, Centro
 CEP 49820-000 - Canindé de São Francisco - SE, Registrada no CREA-SE sob nº 3.312
 Telefone: (079) 3346-1905 E-MAIL: agricultura@caninde.se.gov.br - SITE: www.caninde.se.gov.br

Fonte: Secretaria Municipal de Agricultura, Água e Meio Ambiente de Canindé de São Francisco-Sergipe

Anexo B - Documento com lista dos nomes das comunidades rurais de Canindé de São Francisco-Sergipe

 ESTADO DE SERGIPE MUNICÍPIO DE CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO SECRETARIA MUNICIPAL DA AGRICULTURA, ÁGUA E MEIO AMBIENTE SECRETARIA MUNICIPAL DA ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS			
ORDEM	COMUNIDADE	NÚMERO MÉDIO DE PESSOAS	NÚMERO DE FAMÍLIAS
41	Comunidade Cachinho	38	12
42	Comunidade Umburaninha	45	10
43	Comunidade Araticum	52	17
44	Comunidade Colônia Santa Rita	75	15
45	Comunidade Pedra D'água	40	08
46	Comunidade Picos	35	08
47	Comunidade Pedra Vermelha	25	05
48	Comunidade Monte Pedral	36	09
49	Comunidade Volta	18	05
50	Comunidade Lagoa do Mulungu	32	08
51	Comunidade Rua da Palha	80	20
52	Comunidade Mingu I	40	10
53	Comunidade Mingu II	45	12
54	Comunidade Faixa (Região da parte Leste)	120	30
55	Comunidade Faixa (Região da parte Oeste)	47	14
56	Comunidade Paturi	120	30
57	Comunidade Consulta	56	14
58	Comunidade Lagoa Comprida	20	08
59	Comunidade Risada	10	03
60	Comunidade Surrão	41	12
61	Comunidade Serrote da Rosa	20	05
62	Comunidade Barra de Baixo	80	20
63	Comunidade Boqueirão	28	07
64	Comunidade Pelado I	190	40
65	Comunidade Pelado II	93	22
66	Comunidade Butijo	25	07
67	Comunidade Caqueiro I	130	30
68	Comunidade Caqueiro II	145	36
69	Comunidade Baixa da Areia	60	15
70	Comunidade Recanto	56	14
71	Comunidade Chiquito	40	10
72	Comunidade Salinas I	55	20
73	Comunidade Salinas II	140	35
74	Comunidade Maringá	10	02
75	Comunidade Lagoa do Boi	18	06
76	Comunidade Jaburú	18	04
77	Projeto de Assentamento Fazenda Petrolina	25	09
78	Comunidade Sempre Viva	36	09
	TOTAL →	9.050	2.466

Complexo Agropecuário "Orlando Gomes de Andrade", Rodovia Juscelino Kubitschek SE-230, S/Nº, Centro
 CEP 49820-000 - Canindé de São Francisco - SE, Registrada no CREA-SE sob nº 3.312
 Telefone: (079) 3346-1905 E-MAIL: agricultura@caninde.se.gov.br - SITE: www.caninde.se.gov.br

Fonte: Secretaria Municipal de Agricultura, Água e Meio Ambiente de Canindé de São Francisco-Sergipe